



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - CAMPUS JAGUARÃO

ZILMA MARTINS

**O COTIDIANO E AS PRÁTICAS DE CURA DE MULHERES BENZEDEIRAS NA
CIDADE DE JAGUARÃO NO SÉCULO XXI**

**JAGUARÃO
2015**

ZILMA MARTINS

**O COTIDIANO E AS PRÁTICAS DE CURA DE MULHERES BENZEDEIRAS NA
CIDADE DE JAGUARÃO NO SÉCULO XXI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de História da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para obtenção do
Título de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof^a Dra. Letícia de Faria Ferreira

**JAGUARÃO
2015**

ZILMA MARTINS

**O COTIDIANO E AS PRÁTICAS DE CURA DE MULHERES BENZEDEIRAS NA
CIDADE DE JAGUARÃO NO SÉCULO XXI**

Monografia defendida no curso de História-Licenciatura da
Universidade Federal do Pampa- *Campus* Jaguarão, aprovado
em 21 de janeiro de 2015 pela Banca Examinadora constituída
pelos seguintes professores:

Professora Dr.^a Leticia de Faria Ferreira - UNIPAMPA
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Cássia Daiane Silveira - UNIPAMPA
Examinador 1

Prof.^a Ms^a Marília Flôor Kosby - UFRGS
Examinador 2

**JAGUARÃO
2015**

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso aos inesquecíveis e amados pais Pedro (2011) e Ivaema (2014) *in memórian* - que partiram antes da conclusão do curso. E aos meus três amores: meu companheiro José Luiz, e filhos Lucas e Diego, vocês são: meu tudo!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por me levantar na fé todas às vezes que a vontade de desistir era forte, muito forte. Ao meu companheiro José Luiz X. Costa que me apoiou e financiou “milhares de xérox” e teve a paciência necessária no decorrer destes quatro anos para me amparar, que esteve do meu lado nos momentos que me senti sem chão, obrigada.

Minhas razões de viver possuem nome e sobrenome Lucas e Diego Martins Costa, meus filhos. Muitas foram às vezes que me perguntei se valia à pena deixá-los em casa, para ir até à universidade, embora sob os olhos da “Vó Ana” a quem também agradeço, apesar de mimá-los, além da conta.

À professora orientadora Prof^a Dra. Letícia de Faria Ferreira que foi muito mais que uma professora “foi uma mãezona” para mim, durante este período de construção de conclusão do trabalho final, que disponibilizou seu material particular, compartilhou dicas, me norteou. Desculpa se não correspondi aos teus anseios, espero que nossa amizade esteja só começando. Muito obrigada por tudo, TU ÉS DEZ!

A cada um dos professores que fizeram parte deste processo de formação acadêmica, cada degrau alcançado teve a contribuição de vocês, obrigada!

Aos meus irmãos, sobrinhos e amigos que me apoiaram e incentivaram, apesar de tudo.

Aos funcionários (os terceirizados) que nos recebiam a cada manhã com um bom dia e um sorriso no rosto, que compartilharam suas conquistas, que foram também, nossos amigos!

Às queridas senhorinhas benzedadeiras Dona Alcinda Ieda, Dona Maria, Dona Neli e Dona Ruth que colaboraram para a realização deste trabalho. Foi com o apoio que tive dessas mulheres, por terem compartilhado comigo suas práticas de curas, crenças, histórias de um cotidiano que perpassaram décadas e permanecem presente em sua memória. Que Deus às proteja, muita luz e saúde. Muito obrigada por tudo.

Enfim, agradeço aos colegas que dividiram comigo a parceira em alguns trabalhos/seminários no decorrer da formação à querida Debora Pereira (filha) sem palavras para traduzir minha gratidão, Eva Karoline Vieira, Toni Correa, Nelson Correa, Clayton Demutti, Márcio Correa, Solange Duarte (que nos abandonou), Alzemiro da Rosa (Pai Alzinho), Moisés Braga, Suellen Tourança Ribeiro, Carlos Pacheco, Leandro B. Xavier, Taiane Naressi, Eleandro Rosa, e aqueles com os quais não dividimos tarefas mas que fizeram parte do grupo nessa trajetória Franklin Pinto, Mateus Bom, Patrícia Medeiros, Tiago Rosa, Otávio Augusto Lima, Eliane Freitas, até qualquer dia, sejam felizes!

“Yo no creo en brujas, pero que las hay, las hay.”

Miguel de Cervantes.

RESUMO

A presente pesquisa busca relatar o cotidiano das práticas de cura e do saber a partir de uma perspectiva etnográfica procura-se transformar este saber, até então oral, em conhecimento e parte da construção historiográfica sobre essas mulheres benzedadeiras, seus ritos e as diferentes formas de cura existentes na cidade.

Palavras-chave: Mulheres Benzedadeiras; Etnografia; Cotidiano.

RESUMÉN

Esta investigación tiene como objetivo relatar la vida cotidiana de las prácticas curativas y conocimientos y. Desde una perspectiva etnográfica busca transformar este conocimiento, hasta entonces oral, y el conocimiento de la construcción historiográfica sobre estas mujeres curanderos, sus ritos y diferentes formas de curación en la ciudad.

Palabras clave: curanderos Mujer; Etnografía; Cada Día.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Quadro demonstrativo sobre as benzedadeiras.....	37
Tabela 2: Quadro demonstrativo de outras benzeduras de D. Alcinda Ieda.....	43
Tabela 3: Quadro demonstrativo de outras benzeduras de D. Maria Cassel.....	48
Tabela 4: Quadro demonstrativo com os depoimentos de pessoas que buscam ser benzidas	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Capítulo 1: REFERENCIAIS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.....	18
1.1 – Como a historiografia se benze.....	18
Capítulo 2: COMO FOI O CONTATO COM AS MULHERES BENZEDEIRAS.....	25
2.1 – Dona Alcinda, a benzedeira.....	25
2.2 – Dona Maria e suas benzeduras.....	25
2.3 – Dona Neli e seu saber.....	26
2.4 – Dona Ruth benzendo.....	27
2.5 – Considerações.....	27
Capítulo 3: AS BENZEDEIRAS E O SEU COTIDIANO.....	29
3.1 – Quando as benzeduras surgem no Brasil.....	29
3.2 – Apresentando as mulheres benzedadeiras.....	30
3.2.1 – A senhora Alcinda Ieda Oliveira dos Santos.....	31
3.2.2 – A senhora Maria Cassel.....	32
3.2.3 – A senhora Neli Machado.....	33
3.2.4 – A senhora Ruth Peil de Almeida.....	34
3.3 – Considerações.....	38
Capítulo 4: A RELIGIÃO AFRO.....	39
4.1 – A presença da religião afro no cotidiano jaguarense.....	39
4.2 – Considerações.....	40
Capítulo 5: CONHECENDO SEUS RITUAIS E BENZEDURAS.....	41
5.1 – As práticas de benzeduras da senhora Alcinda Ieda.....	41
5.1.1 – Benzedura para espinhela caída.....	42
5.1.2 – Benzedura para cobreiro.....	43
5.1.3 – Benzedura de quebranto.....	43
5.1.4 – Benzedura de rendidura.....	43
5.2 – As práticas de benzeduras da senhora Maria Cassel.....	46
5.2.1 – Benzedura para espinhela caída.....	47
5.2.2 – Benzedura para cobreiro.....	47
5.2.3 – Benzedura de quebranto.....	47
5.2.4 – Benzedura de rendidura.....	48

5.3 – As práticas de benzeduras da senhora Neli Machado.....	50
5.4 – As práticas de benzeduras da senhora Ruth Almeida.....	51
5.4.1 – Benzedura para espinhela caída.....	52
5.4.2 – Benzedura para cobreiro.....	52
5.4.3 – Benzedura de quebranto.....	52
5.4.4 – Benzedura de rendidura.....	53
5.5 – Considerações.....	53
Capítulo 6: OS DEPOIMENTOS DOS BENZIDOS.....	54
6.1 – Quem nunca se benzeu?.....	54
6.2 – Registro dos depoimentos.....	55
6.3 – Considerações.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	61
ANEXOS.....	65

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo relatar o cotidiano das práticas de cura e do saber popular das mulheres benzedadeiras¹ da cidade de Jaguarão², uma cidade fronteiriça que cultua a benzedura nos arredores da cidade. A partir de uma perspectiva etnográfica procura-se transformar este saber, até então oral, em conhecimento e parte da construção historiográfica sobre as mulheres e as formas de cura da cidade.

O universo do etnografar relaciona-se com a história a partir do momento que para entender um fato, e que para que possamos interpretar o tema selecionado, precisamos nos despir de preconceitos ainda que a experiência pessoal do investigador não possa ser desvinculada. A etnografia enquanto metodologia tornou a pesquisa de campo à forma usual de relatar um grupo ou uma sociedade, visto que ao acessarmos esse grupo e seu ambiente que queremos de fato conhecer, esse método, esse método nos coloca no em contato permanente e direto com os pesquisados.

Entre as diferentes formas de abordar a questão, esta pesquisa construiu seus questionamentos em torno da prática da benzedura e do uso que estas senhoras fazem das ervas medicinais. Como se deu o aprendizado dessas benzeduras, já que em uma prévia saída de campo pude observar que esse saber vem passando de mãe para filha, avós, tios, porém ele está fadado ao esquecimento, pois não percebo o interesse dos mais jovens em seguir praticando as benzeduras. No entanto, a procura pelas benzeduras se mantém na atualidade, percebemos que a crença sobrevive aos avanços da medicina e a sintonia entre a pessoa que benze e aquela que está sendo benzida transcende a cura física, ela vai além, identifica-se um conforto espiritual que

¹ Para Elda Rizzo Oliveira a benzedeira “[...] é uma cientista popular e possui uma maneira peculiar de curar: combina os místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular”.(Oliveira,1985,p.25).

² A cidade de Jaguarão está situada no Rio Grande do Sul – Brasil faz fronteira com a cidade de Rio Branco no Uruguai possui uma população de aproximadamente 28.000 habitantes, sua economia principal é voltada para a produção agropecuária, com o comércio local diversificado de fluxo considerável advindo de uruguaios. Em 2012 teve o conjunto Histórico e Paisagístico tombado pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – DOSSIÊ DE TOMBAMENTO.

só quem é benzido entende. A linha tênue entre o físico e o sobrenatural, o corpo e alma, o que aproxima e também separa. A força de quem benze traduzida na confiança depositada por quem está sendo benzido unido à crença que este deposita na fé que possui ambos resultam no sucesso das benzeções.

Ao longo do tempo, observa-se que são os grandes personagens que ocuparam as páginas da história (VAINFAS, 1997). Hoje a historiografia tende revisar essa questão ao atentar para o cotidiano, daqueles personagens até então anônimos dentro desse movimento da história contemporânea de pessoas que mesmo fazendo parte do cotidiano jaguarense, não aparecem na historiografia desta cidade como é o caso das mulheres, dentre estas, das mulheres benzedadeiras. Sobretudo, precisamos pensar essas pessoas como personagens com vida própria, que constroem seus cotidianos e estratégias de vida não necessariamente na relação com os grupos sociais abastados, como é o caso das mulheres benzedadeiras. E será sobre essas mulheres que se desdobram diariamente, em seu trabalho e em seus cultos e relações sociais, às mulheres sem voz perante a sociedade, que se busca conhecer neste trabalho. Nesse sentido Tânia Salgado Pimenta atenta que já no século XIX observava-se uma hierarquia quanto às práticas médicas

Havia, de fato, uma hierarquia entre as categorias médicas ___ e sangradores, tiradores de dentes, curandeiros, parteiras, curadores de moléstias específicas eram considerados, segundo a Fisicatura, ofícios inferiores aos de médico, cirurgião e boticário, que tinham prerrogativas correspondendo ao *status* das categorias subalternas, seus praticantes eram pouco prestigiados socialmente: mulheres, escravos, forros, africanos (PIMENTA, 2003 p.308).

Não são muitas as pessoas que se dedicam à prática de benzeduras, rezas, simpatias e foi por esta razão que durante esta pesquisa optei em trabalhar com quatro senhoras com mais de oitenta anos que vivem em distintos pontos de Jaguarão. A escolha do tema foi devido à identificação familiar que possuo com as práticas de benzedura, simpatias e utilização de ervas medicinais, tendo em vista que desde minha infância até a atualidade fiz uso e creio nesta cultura. Foram inúmeras às vezes que busquei socorro para mim e minha família junto a estas senhoras que como elas mesmo dizem: *“é um dom que recebemos por isso devemos praticá-lo, a quem necessita e sem qualquer tipo de cobranças.”*

Vivi boa parte da minha infância e criei meus filhos na zona rural deste município e quando estes se encontravam com algum tipo de moléstia (dor de barriga, quebranto, sapinho) era através de benzeduras e/ou um chás que eles ficaram curados. Então qual a necessidade de ingerir fármacos se existia a possibilidade de benzê-los e fazer um chá para que eles logo estivessem curados?

“Lendo essa literatura anglo-saxã para ajudar em meu trabalho de campo, fiquei impressionada com uma curiosa obsessão presente em todos os prefácios: os autores (e o grande Evans-Pritchard não era exceção) negavam regularmente a possibilidade de uma feitiçaria rural na Europa de hoje. Ora, não somente eu estava dentro dela, como a feitiçaria era amplamente verificada em várias outras regiões, ao menos pelos folcloristas europeus. Por que um erro empírico tão evidente, tão grande e tão compartilhado? Sem dúvida, tratava-se de uma tentativa absurda de realizar novamente a Grande Divisão entre “eles” e “nós” (“nós” também já acreditamos em feiticeiros, mas foi há trezentos anos, quando “nós” éramos “eles”), e assim proteger o etnólogo (esse ser a-cultural, cujo cérebro somente conteria proposições verdadeiras) contra qualquer contaminação pelo seu objeto (FAVRET-SAADA, 2005, p.157).

Apesar de Favret-Saada (2005) referir-se a feitiçaria, neste caso no Bocage francês e aqui o trabalho ser com benzedeadas de Jaguarão, podemos compará-las quando ambos se assemelham, - embora situados em contexto diferentes - como uma história social/rural que não é valorizada historicamente na década de 60, mas que pouco a pouco a historiografia europeia busca o seu reconhecimento pelas sociedades modernas, com o mesmo acontecendo no Brasil, uma história conquistada com os trabalhos etnográficos que hoje auxiliam várias disciplinas principalmente no âmbito das ciências humanas.

Nesta pesquisa constam as conversas/entrevistas com as senhoras nas inúmeras saídas a campo, quando acompanhei o trabalho dessas mulheres. Buscou-se fazer este trabalho com mulheres com o intuito de ver reconhecida esta cultura e sua prática feminina, mas isso não quer dizer que não tenha encontrado em Jaguarão homens que benzam, porém são infinitamente em menor número.

Neste período, aproximadamente três meses, dividimos alegrias, tristezas, saudades dos que já partiram, dicas sobre como usar algumas ervas de chá, as simpatias de como fazer o uso correto e em que momento, pois algumas simpatias

são indicadas que seja feita na época da Semana Santa, se alguma dessas senhoras está doente, se sentindo fraca, se resguardam até que se sintam em condições de seguir praticando. Estas senhoras trazem junto de si uma sabedoria que elas traduzem na fé, em creditar na força que as palavras das benzeduras e no poder que as orações possuem, o êxito de suas práticas de curas. Como separar a religião nesses momentos? Impossível. Seja católico, evangélico ou de religião afro brasileira observa-se a crença em um deus como força superior que está sempre presente.

O sincretismo religioso que presenciamos percorreu vários caminhos, perpassam décadas se distanciam e voltam a aproximar-se medida em que as mulheres e o cotidiano tornam-se assunto de pesquisa, com enfoque multicultural na busca de explicar a trajetória de pessoas, famílias ou populações numa historiografia com viés humanista, de justificativas e ações de uma luta pela valorização e reconhecimento dos saberes populares.

Nota-se ainda que, enquanto à cultura das bênçãos aparece na crença católica na busca pela proteção quando se invoca os santos através de suas imagens e orações, o mesmo também acontece nos centros de umbanda com a utilização de imagens de santos que encontramos presentes nos cultos católicos. Considerando o espaço que a religião umbandista ocupa nas benzeduras, e porque é uma religião muito praticada nesta cidade, buscamos alguns esclarecimentos nas saídas a campo junto ao presidente da Associação Espírita de Umbanda Afro-brasileira, o pai de Santo “Babalorixá de Ogum Maria Légua” em seu centro de Umbanda, onde nos explica como ocorrem as práticas de benzeduras nos terreiros. Descrição que iremos que iremos trabalhar no capítulo III onde descreveremos os rituais das senhoras ao benzer.

Desse modo, buscamos no capítulo 1 apresentar pesquisas historiográficas que tratam sobre algumas das diferentes formas de trabalhar as práticas de curas no cotidiano, como a história explica o processo em crescimento, do social, da cultura das massas anônimas, das mulheres, tendo a antropologia e a história oral sido primordiais nesta caminhada.

O capítulo 2 irá expor como foram as relações de contato com as mulheres benzedeadas no seu cotidiano, quem são e porque foram convidadas a participar do trabalho.

O capítulo 3 tratará de apresentar as mulheres benzedeadas, revelando sua origem e como vivem atualmente. O capítulo 4 vai falar sobre a forte influência das religiões afro na cidade de Jaguarão. Quanto ao capítulo 5 abordará densamente as descrições das benzedeadas com seus rituais. No capítulo 6 trataremos de registrar os depoimentos de pessoas que procuram as senhoras para ser benzedeadas.

CAPÍTULO I - REFERENCIAIS TEÓRICOS METODOLÓGICOS

1.1 - Como a historiografia se benze

As práticas tradicionais, entre elas as experiências e ofícios de cura através de crenças religiosas, tratam-se de um campo de estudo em estágio crescente nas ciências humanas, em especial na antropologia, no entanto, até onde conhecemos sobre essa prática na cidade de Jaguarão inexistente qualquer trabalho acadêmico. Informações sobre as mulheres benzedadeiras de Jaguarão são muito esparsas, talvez por não se reconhecer este saber como parte da história da cidade, de mulheres que paralelo aos afazeres diários encontram tempo para dedicarem-se ao outro, seja para tratar um problema físico ou espiritual.

Nesse sentido busca-se construir um trabalho a partir da pesquisa etnográfica, e para entender o que é etnografia através da leitura de Mariza Peirano podemos refletir com seus estranhamentos e indagações, quais os caminhos percorridos para chegar a construção deste trabalho. Assim, Peirano (2014) vai relacionar este trajeto a partir de reflexões sobre os “historiadores que estudaram processos de identificação (por exemplo, Fraenkel 1992, sobre a história da assinatura; Groebner 2007, sobre a diferença entre identificação e reconhecimento na Idade Média), assim como a Marcel Mauss e a noção de pessoa, a Lévi-Strauss e as classificações, e minhas próprias incursões sobre documentos de identidade”. Mariza Peirano (2014) vai nos dizer que :

“[...] a etnografia é a ideia-mãe da antropologia, ou seja, não há antropologia sem pesquisa empírica. A empiria – eventos, acontecimentos, palavras, textos, cheiros, sabores tudo que nos afeta os sentidos -, é o material que analisamos e que, para nós, não são apenas dados coletados, mas questionamentos, fonte de renovações.” (PEIRANO, 2014 p.3-4) .

Em artigo publicado por Peirano cujo título é *Etnografia não é método* (2014) a autora atenta que a empiria não são “fatos sociais”, mas “fatos etnográficos” como já apontava Evans-Pritchard (1950) e indo mais além ela vai dizer que “a empiria que nos caracteriza, aos olhos de alguns cientistas sociais pode ser uma desvantagem, se não uma impropriedade; penso, especialmente, nos sociólogos de ontem (e talvez

nos de hoje também). Para os antropólogos, no entanto é nosso chão. Ela faz um debate teórico com renomados autores sobre concepções de etnografia com variantes que nos dizem que não podemos afirmar que etnografia é um método, pois se para Evans-Pritchard, era Arte, fonte para Radcliff-Brown, origem da teoria etnográfica para Malinowski, hoje é o método genérico da antropologia.

Todo antropólogo está, portanto, constantemente reinventando a antropologia; cada pesquisador, repensando a disciplina. E isto desde sempre: de Malinowski encontrando o kula entre os trobriandeses; Evans-Pritchard, a bruxaria entre os azande; Florestan, revendo a guerra tupinambá nos arquivos. Antropólogos hoje, assim como nossos antecessores, sempre tivemos/temos que conceber novas maneiras de pesquisar – o que alguns gostam de nominar "novos métodos etnográficos". Métodos (etnográficos) podem e serão sempre novos, mas sua natureza, derivada de quem e do que se deseja examinar, é antiga. Somos todos inventores, inovadores. A antropologia é resultado de uma permanente recombinação intelectual. (PEIRANO, 2014. P.5)

Assim, dirá que para justificar os meios se tornou necessária esta reflexão de Peirano, pois em se tratando da história valorizar o empirismo na sociedade atual passa a ser uma das formas de trabalhar o cotidiano, o simples, o natural.

Uso este exemplo conhecido para ressaltar mais uma vez o fato fundamental de que monografias não são resultado simplesmente de "*métodos etnográficos*"; elas são formulações *teórico-etnográficas*. Etnografia não é método; toda etnografia é também teoria... (2014.p.7)

Buscando através da oralidade trabalhar com lembranças, no caso de senhoras benzedadeiras, inclusive referindo-se a um tempo passado, mas sob um olhar do presente, considero Ecléa Bosi especialmente em sua obra *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*, o apoio teórico necessário através de sua perspicaz a arte de abordar, e relatar memórias

Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, tal como foi, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela nossas ideias,

nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de pontos de vista. (BOSI,1994,p.55)

Quando Beatriz Weber (1999) trata a importância das benzedeiras e suas práticas, como resultantes da fusão da cultura de indígenas, africanos e imigrantes. Este era o único recurso médico encontrado, devido à distância entre a periferia, zona rural e a cidade. E não somente as pessoas mais humildes ou de culturas diferenciadas recorriam a tais práticas, mas também homens letrados que poderiam vir a escolher à medicina tradicional, mas optavam pelas benzedeiras.

O episódio reforça a ideia de que a situação de inexistência de recursos, mas também as concepções que cercavam o tema de doença e de saúde geraram formas de assistência autônomas e adequadas aos contornos específicos da população gaúcha em sua radical diversidade. Imigrantes em dificuldades aproximam-se primordialmente visando atender questões de saúde. Condições específicas os levaram a práticas religiosas que buscavam facilitar a vida em regiões isoladas. Esse episódio ajuda a compor o panorama complexo da população carente do Estado. As motivações que levam à participação em rituais religiosos diversos estão intimamente relacionadas à busca da cura. Mas vão, além disso. A busca pelo consolo, tratamento e solução de dificuldades do cotidiano orientaram a população carente do Estado em práticas que ofereciam essas possibilidades. De forma autônoma, organizavam-se em variadas atividades a partir do universo que conheciam oriundos indiferentemente de tradições indígenas, africanas ou europeias e muitas vezes, aglutinando componentes de todas elas. Os rituais religiosos significaram sobrevivência objetiva dos seus corpos, quando realizavam curas e a sobrevivência. Dos conhecimentos que traziam quando mantinham as tradições e mantinham as identidades. (WEBER,1999 p.261)

Trabalhamos aqui no mesmo sentido que Oliveira (1985) quando afirma que: o ofício de benzedeira não se limita apenas ao ato de como curar, como uso de símbolos religiosos, mas funcionam como instrumento de intervenção no processo histórico-social, mesmo que estas não sejam conscientes disto (OLIVEIRA,1985,p.69).

Trazendo à discussão um tema que ao longo do tempo foi considerado de pouca relevância na nossa sociedade, enquanto é visto por alguns como um socorro, uma questão de fé, na cura através das mãos e de palavras ditas por uma benzedeira, para outros é motivo de charlatanismo, feitiços e até fonte de renda quando se utilizam da fragilidade de alguém com problemas de saúde do corpo ou da alma, no caso de

um mal estar que não encontra no físico uma explicação, seria a inveja o mal olhado uma espécie de feitiço? O corpo pedindo ajuda para o espírito? Sabe-se de pessoas extremamente negativas, que justificam como azar e/ou inveja seu estado de espírito. o que E.E. Evans Pritchard em *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande* vai nos dizer é que:

[...] Um bruxo não pratica ritos, não profere encantações e não possui drogas mágicas. Um ato de bruxaria é um ato psíquico, eles crêem ainda, que os feiticeiros podem fazê-los adoecer por meio da execução de ritos mágicos que envolvem drogas maléficas (EVANS PRITCHARD, 2005,p.33).

A diversidade religiosa existente no Brasil é tratada em trabalhos que buscam explicar como se deu esta grande mistura de religiões na cultura brasileira, pois os nativos que aqui viviam possuíam suas crenças, os colonizadores cruzaram o oceano com as suas, e os escravos de diversas etnias que aqui chegaram vinham de toda parte da África trouxeram nos porões dos navios negreiros as particularidade de suas, e com isso criando comunidades, novas religiões de base africana composta por práticas ritualistas praticadas nas reuniões em senzalas.

Como afirma Jacqueline Hermann podemos observar nas reflexões de Roger Bastide contribuições para pensar nossas diferentes influências religiosas:

Mas inegavelmente a maior contribuição teórica para compreensão de nossa realidade cultural e religiosa múltipla veio de Roger Bastide, através de um conceito de sincretismo diferente de Artur Ramos, que o considerava como uma soma de tradições diferentes, mas sem ter sua lógica interna orientada pela aproximação e interação dos termos sincréticos. Em Bastide, o sincretismo aparece como uma das características dos países que conheceram a escravidão, e que portanto misturavam raças e povos, impunham a coabitação de diversas etnias num mesmo lugar, e levavam à “criação, acima das nações centradas nelas mesmas, de uma nova forma de solidariedade de dor”. A tese de Bastide é a de que cada elemento que compõe o que ele chama “sociologia do bricolage” tem um lugar determinado, e que o conjunto de todos os elementos só ganha sentido enquanto resultado das novas interações destes mesmos elementos quando postos em contato. Nessa perspectiva, as diversas etnias africanas que chegaram ao Brasil não só fundiram-se em diferentes combinações afrocatólicas, como terminaram por fomentar um outro sincretismo — o das próprias religiões africanas que aqui se encontraram. (HERMANN,1997p.348)

Em artigo publicado a respeito de ervas medicinais *Plantas medicinais: transmissão do conhecimento nas famílias de agricultores de base ecológica no Sul do RS* pelos Ceolin T, Heck RM, Barbieri RL, Schwartz E, Muniz RM, Pillon CN (2011) estes atentam para:

A predominância do sexo feminino evidencia a importância das mulheres na transmissão do conhecimento entre as gerações e a responsabilidade pela execução do cuidado em saúde na família, utilizando-se das plantas medicinais para a sua realização (CEOLIN,HECK,BARBIERI,SCHWARTZ,MUNIZ,PILLON,2011,P.49) .

Reforçando um maior envolvimento por parte das mulheres que dos homens, por isso que a identificação das senhoras benzedadeiras de Jaguarão é de suma importância para este projeto. Reafirmando assim o quanto é importante para a população, independentemente da classe social, o recurso das benzeduras, mesmo que a medicina tradicional, que nos primórdios do século passado era para quem tivesse boas condições financeiras, agora ela esta presente para toda sociedade, mas continua sendo protelada, enquanto houver um chá, uma benzedura que resolverá, sem que seja necessário o uso de algum medicamento com suas fórmulas químicas.

A cultura popular, segundo Ginzburg, se define antes de tudo pela sua oposição à cultura letrada ou oficial das classes dominantes, o que confirma a preocupação do autor em recuperar o conflito de classes numa dimensão sociocultural globalizante. Mas a cultura popular se define também, de outro lado, filtrada pelas classes subalternas de acordo com seus próprios valores e condições de vida. É a propósito desta dinâmica entre níveis culturais popular e erudito __ já que também a cultura letrada filtra à sua moda os elementos da cultura popular __, que Carlo Ginzburg propõe o conceito *de circularidade cultural*. (VAINFAS, 1997.p.152)

Por isso, percebe-se que ainda na contemporaneidade a procura pela cura alternativa permanece presente a “medicina” do benzimento acompanhada pelos chás e simpatias, faz com que esses rituais, por vezes ocultos em alguns seguimentos da sociedade, tornem-se à única saída, ao encontro da fé, do ser humano e da natureza, tendo como o grande elo nessa corrente a presença forte da mulher. Conforme o artigo “*Um olhar sobre as benzedadeiras de Juruena (Mato Grosso,*

Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar” cujos autores são Márcia Regina Antunes Maciel e Germano Guarim Neto vimos que:

A benção praticada em Juruena, onde a benzedeira trata e benze com suas rezas, gestos e plantas, outrora transmitido por um parente (geralmente os avós), um amigo ou vizinho é instrumento de processo histórico cultural de um povo. Valores e herança cultural estão inseridos na prática de benzer, encontrando meios de permanecerem vivos em Juruena através destas mulheres (MACIEL & GUARIM NETO 2006, p.75).

Buscando atentar sempre como refletem Márcia Regina Antunes Maciel Germano Guarim Neto (2006) quando se baseiam em Posey (1997) o maior problema que qualquer investigador defronta ao lidar com outras culturas é impor suas próprias ideias e categorias culturais a seus informantes ou consultores culturais, como descrença, desagrado e reprovação. Ainda este autor alerta para a sempre necessária observação da qualidade e não da quantidade, de dados apontando para uma grande desvantagem dos pesquisadores em campo, quando estes já trazem suas hipóteses de pesquisas formuladas, em que conceitos etnocêntricos pode ser inseridos (2006,p.67).

Considerando às leituras sobre o tema buscou-se elaborar uma tabela (anexo 1) através da qual se observa melhor os dados que exemplificam o cotidiano e as práticas dessas senhoras, sem com isso interferir nos seus relatos, o que não foi difícil, visto que o assunto sempre me interessou, já que sua simplicidade e a sabedoria que nos surpreende a todo instante tampouco torna mais fácil redigir nossas conversas, sempre teremos uma entrelinha, um suspiro e uns trejeitos com olhares impossíveis de transcrever, como é possível estas senhorinhas possuírem uma memória tão rica em detalhes. Assim Ecléa Bosi (2003) diz que

O movimento de recuperação da memória nas ciências humanas será moda acadêmica ou tem origem mais profunda como a necessidade de enraizamento? Do vínculo com o passado se extrai a força para formação de identidade (BOSI,2003, p.16).

Com o trabalho de descrição etnográfica de Kullick (2008) “Travesti, prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil” pude ver possibilidades para construir uma narrativa onde os detalhes de cotidianos, antes não considerados relevantes na

produção do conhecimento acadêmico, entram e ocupam um espaço essencial para o entendimento das práticas e ações das pessoas envolvidas, os travestis. Assim como no caso dos travestis as benzedadeiras são comumente tratadas de forma estereotipada, e será através da descrição do corriqueiro e do coloquial que poderemos desconstruir esse estereótipos.

Nesse mesmo sentido que “ Em *Memória e Sociedade*”, BOSI (1994) trata da figura do outro e este outro é sempre o ser à margem nas representações da sociedade, a autora ainda afirma que não esperemos na sua obra uma história linear, ou com ausência de contradições

Não me cabe aqui interpretar as contradições ideológicas dos sujeitos que participaram da cena pública. Já se disse que “paradoxo” é o nome que damos á ignorância das causas mais profundas das atitudes humanas [...] (p.458-9).

CAPÍTULO II – COMO FOI O CONTATO COM AS MULHERES BENZEDEIRAS

Para que pudesse trabalhar neste tema sobre as benzedadeiras busquei as pessoas com as quais já possuía algum um vínculo, sem deixar de buscar outras senhoras que foram me indicando durante a pesquisa, mas devido o pouco tempo para saídas a campo optei por pesquisar as práticas das senhoras que serão descritas abaixo.

2.1 - Dona Alcinda leda, a benzedeira

Dona leda, por sua vez, surge nas minhas relações de maneira muito inusitada, quando na época há uns quatro anos eu me preparava para adquirir minha CNH (Carteira Nacional de Habilitação) e o instrutor me diz que iria se benzer, pois as coisas não andavam bem, eu curiosa pergunto com quem ele se benzia ele me diz: *“Eu vou me benzer com a dona leda, não sabes quem ela é? Deverias saber, ela é muito boa benzedeira, tens que conhecê-la é a mãe do Juca eletricista”*. E me explicou onde morava, logo fui lá para ser benzida e conhecer dona leda que na verdade é Alcinda leda - pedindo que me benzesse de espinhela caída, dores de cabeça, olho gordo. Nascendo assim uma grata amizade que me possibilitou convidá-la para participar do meu trabalho sobre as práticas de cura através de benzeduras, simpatias e ervas de chá utilizado por ela. Durante este processo de saída a campo pude acompanhar e observar seus benzimentos e a procura de muitas pessoas em sua casa para que ela fizesse suas orações, inclusive senhoras da sociedade, esposa de médico, que vão busca de suas benzeduras.

2.2 - Dona Maria e suas benzeduras

Falar de Dona Maria carrega uma dubiedade: ao mesmo tempo em que é fácil também é difícil, pois ela faz parte da minha vida desde o meu nascimento, vizinha de meus pais desde a década de sessenta do século passado, sempre fui considerada filha do coração. Tendo sido batizada na igreja Católica por sua filha mais nova a convite de meus pais, durante minha infância e juventude apenas uma rua separava

nossas casas. Muitas vezes ela me benzeu de dor de barriga, quebranto, mas foi à benzedura de ar que mais me marcou, pois um dia ao sair de casa para ir para a escola, ainda criança de uns dez anos, tive que voltar porque meu pescoço entortou para o lado esquerdo que quase chegava a encostar no ombro e doía demais. Minha mãe disse: vai na dona Maria te benzer de ar. Mas porque de ar mãe? Pergunto sem aguentar de tanta dor. Ela responde: - Porque tu tomaste banho quente e saíste no frio e acabasse pegando uma corrente de vento gelado (era inverno) só pode ser isso. Obedecendo minha mãe, atravessei a rua e pedi que dona Maria benzesse-me de ar. Prontamente ela foi pegar sua tesoura velha e começou a me benzer, no primeiro dia aquela dor insuportável, aliviou, no segundo dia meu pescoço já começou a voltar a posição normal e as dores ainda existiam, mas com pouquíssima intensidade e no terceiro e último dia meu pescoço já estava normal e a dor havia sumido.

Desse modo não poderia pensar este trabalho sem convidar uma pessoa que marcou, não apenas a minha infância, mas sobretudo, meu interesse pessoal que busco agora reconstruí-lo por meio da pesquisa acadêmica

2.3 - Dona Neli e seu saber

Assim como as outras benzedadeiras, Dona Neli conheço há aproximadamente trinta anos, minhas lembranças de criança afloram quando no tempo que ela passava diariamente na rua ao lado da casa onde eu morava – rua onde eu, meus irmãos e vizinhos brincávamos no fim da tarde jogando bola com taco, futebol e criávamos uns pés de lata (pegávamos duas latas de achocolatado fazíamos um furo em cada lateral, passávamos um cordão ou corda e subíamos nela) e tínhamos que parar a brincadeira até que ela passasse e nós não corrêssemos o risco de acertar uma bolada nela, e ficar de castigo, “caso aprontasse alguma arte”. Ela passava rindo e nos cumprimentava. Indicada por uma vizinha já naquela época, de que benzia muito bem, sempre foi procurada por nossos familiares para serem benzidos de alguma moléstia, sempre que achavam necessidade, iam até a casa da Vó Neli como nos habituamos chamá-la. Ao delimitar o tema do meu trabalho, busquei a vó Neli para conversar e pedir a colaboração dela no meu trabalho. Como é uma pessoa de pouca conversa principalmente com quem não conhece, apesar me conhecer há anos, assim

como a minha família. Ela observa muito o jeito de cada pessoa que a procura para ser benzida.

Durante nosso primeiro contato após me benzer nas nossas conversas sobre pessoas que benziam falei pra ela do meu interesse de fazer um trabalho na faculdade sobre as senhoras que ainda benziam em Jaguarão, ela achou interessante. Conversamos sobre a falta de interesse dos mais jovens em aprender as benzeduras, assim pedi a colaboração dela neste trabalho e ela me respondeu dizendo que iria pedir ajuda e proteção de seus guias no meu trabalho.

2.4 - Dona Ruth benzendo

O ponto de partida das relações com as benzedadeiras, elemento crucial, e que deu o norte para este trabalho não cessa com D. Maria, pois para além de D. Neli e D. Ieda, há também a minha aproximação com dona Ruth que se fortalece quando passo a frequentar a comunidade católica Sagrado Coração de Jesus na sede da Granja Bretanhas quando acompanhava as reuniões que aconteciam semanalmente, onde programavam os eventos e a participação dos dizimistas. Nesse momento, começou nossa amizade, seja na preparação dos cursos de batismo ou nos convites para integrar as correntes de orações pelas famílias da comunidade que aconteciam em sua casa, nas decorações da capela em datas festivas, quando fui percebendo que ela também benzia de outras moléstias, não somente aquelas que havia me ensinado. Ela benzia de rendiduras, sapinho nos bebês sendo procurada por adultos, mães e crianças que quando se sentiam mal para lá se dirigiam em busca de alívio. Assim a partir da minha escolha de tema para a pesquisa busquei ajuda dela convidando para que fizesse parte deste trabalho, o que fez com muito carinho a cada visita, em cada pergunta curiosa sobre estas práticas tão antigas de cura.

2.5 - Considerações

Durante meu primeiro contato para convidá-las a participar deste trabalho, nas nossas intermináveis conversas sobre benzedadeiras e benzeduras, todas foram unânimes em observar a falta de interesse dos mais jovens em querer aprender as

benzeduras. Foi perceptível o desinteresse de seus familiares acerca das práticas realizadas por elas, enquanto que são os “estranhos” seus maiores adeptos.

CAPÍTULO III – AS BENZEDEIRAS E SEU COTIDIANO

3.1 – Quando as benzeduras surgem no Brasil

No Brasil as benzeções aparecem no período colonial, pois teriam cruzado os mares desde a Europa no período compreendido como Alta Idade Média. Segundo Souza(1986) era costume de camponeses levarem animais para basílica para receberem a benção de um padre e assim livrarem-se de doenças e enfermidades. Na idade Média somente padres, clérigos e outros membros da Igreja Católica podiam fazer uso de bênçãos. Pessoas comuns que praticassem as benzeções na comunidade onde viviam sofriam perseguições por parte da Igreja e do Estado. Assim “Em 1499, D. Manuel determinava que, juntamente com os feiticeiros, os benzedores fossem ferrados com um F em ambas as faces” (SOUZA, 1986, p. 184).

Também nas Ordenações Filipinas, código de leis instituído em Portugal durante o governo de Filipe II da Espanha durante a União Ibérica (1580-1640), havia ordem para que não se praticasse a benzeção sem a autorização da Igreja e do Estado. Se a prática já era conhecida em Portugal durante a Idade Média, nada mais natural que a mesma viesse aparecer também no Brasil Colonial, e aqui se modificasse diante da dinâmica cultural existente neste período. Acredita-se que a ausência de relatos neste período tenha ocorrido por medo de represálias que viriam a sofrer caso aventurassem a possibilidade de existência de pessoas ligadas ao curandeirismo, pois as notícias eram de caças às bruxas, feiticeiras levando-as à forca e a queima em fogueiras por tamanha heresia.

Atualmente, podemos verificar na historiografia brasileira registros de benzedeadas(os), curandeiros (os), feiticeiros por todo Brasil, os primeiros trabalhos sobre a cultura popular terá Laura de Mello e Souza com obras *como o Diabo e a Terra de Santa Cruz Feitiçaria e Religiosidade popular no Brasil*, Câmara Cascudo trabalhando o folclore, terá Leó Carrer Nogueira, Suelen Malheiro Versonito e Bruno das Dores Tristão com pesquisas sobre as benzedeadas na cidade de Mara Rosa no interior de Goiás trabalhando “*O dom de benzer : a sobrevivência dos rituais de benzeções nas sociedades urbanas – o caso do Município de Mara Rosa, Goiás*, na

Bahia a região conhecida por Recôncavo Baiano com Washington Santana de Jesus apresentando as *Rezadeiras/Rezadores de Preceito de São Francisco do Conde: Itinerário de Fé e Cura nas Práticas etnomédicas*; no Mato Grosso vimos Márcia Regina Antunes Maciel e Germano Guarin Neto (2006) com “*Um olhar sobre as benzedadeiras de Juruena,*” e aqui no Rio Grande do Sul a pesquisa surge em várias regiões do estado, Santa Maria com Alberto Manuel Quintana (1999) pesquisando as benzedadeiras na zona rural trabalhando “*A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*”; Porto Alegre com Susana de Azevedo Araújo em “*Paradoxo da modernidade: a crença em bruxas e bruxarias em Porto Alegre*” pesquisando as benzedadeiras da Ilha da Pintada, Pelotas, trabalhando com Angela Beatriz Pomatti *Italianos na cidade de Pelotas: doenças e práticas de cura – 1890 a 1930*, entre outros trabalhos que buscam conhecer a nossa cultura. Esses registros aos poucos estão redescobrimdo, transformando e reafirmando o processo de conhecimento de uma cultura popular extremamente diversificada, que sob olhar da história circula entre as camadas sociais.

3.2 – Apresentando as mulheres benzedadeiras

A seguir trataremos da apresentação das senhoras benzedadeiras na cidade de Jaguarão onde encontraremos semelhanças em determinados aspectos entre as trajetórias de vida dessas mulheres. Estas senhoras possuidoras de uma lucidez invejável atravessaram praticamente todo o século XX cuidando de suas famílias, sem se esconderem ou alardeando sobre suas vidas, trabalhando no cotidiano doméstico. Por isso, podemos identificar segundo Ecléa Bosi

Se a mobilidade e a contingência acompanham nossas relações há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto de objetos que nos rodeiam. Nesse conjunto amamos a disposição tácita, mas eloquente. Mais que uma sensação estética ou de utilidade eles nos dão um assentimento à nossa identidade e os que estiveram sempre conosco. Falam à nossa alma em sua língua natal. O arranjo da sala, cujas cadeiras preparam o círculo das conversas amigas, como a cama prepara o descanso e a mesa de cabeceira os derradeiros instantes do dia, o ritual antes do sono (BOSI, 2003,p.26).

3.2.1 - A senhora Alcinda Ieda Oliveira dos Santos

Dona Ieda, como é mais conhecida, tem oitenta e seis anos, é viúva, natural da cidade de Jaguarão, mãe de seis filhos, avó e bisavó, mora em sua chácara na periferia da cidade, aonde cultiva na sua horta legumes, verduras, ervas de chá, árvores frutíferas, algumas galinhas e flores no jardim na frente de sua casa. Foi professora e fundadora da Escola Rural Beloca Baltar, que fica localizada próxima aos limites com o município de Arroio Grande onde ficou por um período de sua vida. Atualmente está aposentada, mas quando ainda era jovem e solteira trabalhou na farmácia da Santa Casa de Jaguarão (algo nada comum para época), saindo de lá ao casar-se e indo morar na região conhecida por Chasqueiro, interior da cidade de Arroio Grande. Na infância ajudava seus pais na horta, visto que seu pai vendia os alimentos e ervas de chá que também cultivava e colhia nos campos³ levava até a cidade para ser vendida, enquanto sua mãe cuidava das lidas domésticas, das crianças e seguia trabalhando na horta.

Os encontros com Dona Ieda em sua casa sempre se dão no sofá de sua sala, local aonde possui uma mesa que foi transformada em uma espécie de altar, cujo espaço está praticamente todo tomado por imagens de santos católicos, na sua maioria foram presentes dados por pessoas que procuram por suas benzeduras, simpatias e orações, e como forma de agradecimento lhe presenteiam com estas imagens, entre outros presentes como um quadro com uma pintura representando a cabeça de um cavalo, animal que ela adora e lhe foi enviado de Minas Gerais por uma menina que ela benzia e orava à distância pela sua recuperação, que ficou curada do bronquite.

Dona Ieda me relatou sobre sua vida nas inúmeras visitas que fiz em sua casa, para receber seus benzimentos e para registrar sobre suas práticas, de benzeduras e suas orações. Dizia-me que quando guria sempre ficava na volta de sua mãe para observar as pessoas que lá iam benzer-se de dor de dente, torção, entre tantos outros males e que certa vez sua mãe estava irritada com muita dor de dente, e como tinha muita ervilha para colher, pois seu marido levaria para cidade para fazer a venda, ela dizia para sua mãe: “eu lhe benzo!” E sua mãe sem paciência devido a dor lhe diz: “sai daqui guria se não queres levar umas bofetadas”. “Mamãe eu sei a benzedura de

³ Nesta região é muito comum na Sexta-feira Santa a colheita da *Marcela* ainda com o orvalho da madrugada, antes que nasça o sol, esta erva possui um aroma maravilhoso e é utilizada para várias finalidades.

tanto lhe ver benzendo”. Mas mesmo irritada deixou-se benzer da tal dor de dente e foi para horta colher as ervilhas. “Voltou de lá rindo, e eu logo lhe perguntei ?”, conta dona Ieda: _”o que foi?” Vai me dar laço agora? Mamãe me diz: “passou a dor”.

Quando casou, descobriu que a família do marido, pais e tios benziavam muito bem e foram lhe ensinando as palavras e ela seguiu benzendo sempre que procurada. Porém, o que mais lhe chamou atenção, e foi aí que acreditou de vez na força da oração, quando um vizinho na estância aonde seu marido trabalhava tinha um cavalo de raça, e este estava bichado e procuraram a tia do marido para que esta benzesse o animal. Esta tia mandou que ela (D.Ieda) sentasse ao seu lado e começou a benzer o cavalo, foi quando “os bichos começaram a cair”, e após uma sequência de benzeduras o cavalo foi curado. Assim continuaram nossos encontros com ela me falando das benzeduras que praticava, sobre as pessoas que a procuravam, que alguém havia indicado ela para benzer um bebê, e de um senhor que vinha da campanha somente para ser benzido, e eu, já fazendo parte da casa, pedia que me benzesse antes de ir embora, mas sempre combinando o próximo encontro.

3.2.2 - Apresentando a senhora Maria Madalena Cruz Cassel

Dona Maria é natural da cidade de Jaguarão, mãe de três filhas, avó e bisavó, viúva, possui oitenta e quatro anos, dona de casa (pensionista), nunca trabalhou fora para ajudar financeiramente nas despesas de casa, de religião católica. Moradora na zona ribeirinha, bem próxima ao rio Jaguarão, ao adentrarmos sua casa, simples, com um jardim carregado de flores nesta primavera chuvosa e quente, percebo além de algumas imagens de santos de sua devoção, alguns terços, adora ler as histórias sobre Jaguarão, baixinha de gênio forte, mas possuidora de um coração impossível de mensurar. Na infância realizou parte de sua alfabetização na vizinha cidade de Rio Branco-Uruguaí, mas logo depois passou a estudar na cidade de Jaguarão. Filha mais velha, criada por sua mãe Esmeralda e pelo padrasto que era filho da Dona Joana Termezana, renomada benzedeira do início do século passado. Quando nasce a filha primogênita de D. Maria, a benzedeira Joana leva até ela um caderninho com algumas benzeduras, para no caso de “necessidade”, ela mesma pudesse benzer sua criança. D. Maria sempre cultivou uma horta no quintal, aonde junto com seu marido Normélio plantavam árvores frutíferas, hortaliças, criavam algumas galinhas para ajudar na

subsistência de sua família, cultivava ervas de chá e que sempre socorreu seus familiares, vizinhos e amigos. Dona Maria apesar de praticar suas benzeções aprendidas através dos ensinamentos de Dona Joana, nunca divulgou este saber, mas afirma que sempre ao ser procurada acudia quem lhe pedia socorro, além das benzeduras, ainda presenteava com alguma erva de chá. Dona Maria sempre tinha alguma novidade para me contar (...) me oferecia uns figos se quisesse fazer doce, me contava como estava sua saúde, interrompendo nossa conversa para pedir ao bisneto que falasse mais baixo, dizendo: este guri é danado, não pára um segundo, foram assim nossos encontros pouco a pouco contando sua vida para que eu pudesse relatar neste trabalho.

3.2.3 - Apresentando à senhora Neli Farias Machado

Dona Neli aposentada, natural da cidade de Jaguarão, viúva, mãe de 5 filhas, muitos netos e alguns bisnetos, com seus mais de 75 anos, foi trabalhadora doméstica, e também trabalhava na copa da Sociedade Harmonia Jaguarão nos eventos do clube como: festas, bailes e carnavais. Dona Neli sempre recebe as pessoas que a procuram para serem benzidas em um pequeno jardim na frente de sua casa, ultimamente ela tem recebido na calçada sob as sombras de árvores lugar que dispõe de três cadeiras de praia, pois teme que uns cachorros fujam do pátio ao chegar alguém. De um jeito calmo, fala mansa meio desconfiada vai timidamente contando como aprendeu a benzer. Ela relembra que frequentava a terreira da Dona Dorila(já falecida) quando recebia em sonhos as benzeduras, Dona Neli se diz filha de Oxum, na Umbanda, que segundo seus sonhos, deveria se dedicar a benzer as pessoas. *Mas meu marido não queria, dizia que eu iria me enfraquecer diz ela.*

Por que ? perguntei a ela:

"Olha filha {são} as exigências que a benzedura pede, conforme a situação da pessoa que procura se benzer, acaba passando para quem benze, precisamos ter o corpo e o espírito fortes".

Foi como um aviso ela diz, meu marido faleceu faz mais de trinta anos, me sentia muito só e triste e encontrei na prática das benzeduras, na ajuda aos outros, vontade de viver. Ela acha que não deveriam ser cobradas as benzeduras, pois assim

como as senhoras benzedadeiras de cunho católico ela acredita que um “*dom*” é dado por deus para ajudar os outros, assim considera uma bondade ao próximo e que não deve ser cobrado, mas aceita os presentes que lhe dão em forma de agradecimento pelo sucesso das benzeduras. Ela também usa ervas de chá como indicações para ajudar na cura das pessoas e após o término da benzedura busca dentro de sua casa um espécie de curtido, de cheiro forte, de uma coloração entre o verde escuro e o marrom, feita com cachaça e ervas *protetivas* (que ela guarda em segredo quais ervas seriam), ela pede que abramos as mãos, borrifa generosamente o preparado, diz para esfregarmos uma mão na outra, pede que cheire e com as mãos ainda úmidas passemos na testa.- “*isso é bom fia.*” Conversa vem, conversa vai ela segue me falando que vão de crianças a pessoas de todas a idades procurá-la para serem benzidas e deixando muito claro, sempre quando diz: “Sabe né fia tem gente que cobra, mas eu não, tenho que fazer o bem, tem gente que só faz maldade.” E me pergunta: “qué se benzer fia?” Sim, lhe respondi e me benzeu de olho gordo. Durante as incursões na tentativa de entender melhor a Vó Neli, pude notar a presença de alguns castelhanos, buscando serem benzidos. Despedi-me com um beijo de agradecimento ao final de cada encontro e dizendo que voltaria no outro dia para seguir nossas conversas.

3.2.4 - Apresentando à senhora Ruth Peil de Almeida

Professora aposentada, natural da cidade de São Lourenço do Sul, viúva, mãe de quatro filhos, com seus oitenta e cinco anos de religião católica, uma das fundadoras da Escola Municipal Educação Básica Lauro Ribeiro EMEB Lauro Ribeiro em 1955, na época chamava-se Canto e Melo e a partir de 1988 passou ao nome atual, hoje divide seus dias entre a zona rural e a cidade. Dona Ruth foi uma das senhoras escolhidas para este registro pelo conhecimento e crença em benzeduras e por ela mesma dizer que foram as dificuldades em chegar na cidade com crianças e pessoas adultas doentes o motivo que lhe levou a iniciar-se nas praticas das benzeções, prática esta que já havia aprendido com sua mãe.

Nosso vínculo começou quando ela veio me visitar no ano 2000, na zona rural deste município onde meu marido trabalha, e junto com nosso filho recém-nascido morávamos. Foi nesse momento, que fiquei sabendo que esta senhora tão

carismática, chegando de mansinho com seus passinhos curtos levava, para além de meu filho Lucas, um bilhetinho especial, onde me ensinava a benzer de “quebranto e dor de barriga”. Sim, conhecida como Vó Ruth, maneira carinhosa como a maioria das crianças na Granja Bretanhas lhe tratam, foi a primeira pessoa que me ensinou à prática de benzedura. Apesar de ter sido criada em uma família que acreditava em benzeções e por minha avó materna, Celina, praticá-las, minha mãe nunca demonstrou interesse em aprender. Observando hoje às benzedadeiras acredito que minha mãe não se interessou, tendo em vista que sua mãe benzia aqueles que ao seu redor careciam de cuidados, fosse a mim, meus irmãos, primos ou, quem lhe procurasse.

Dona Ruth relatou-me que quando moravam na zona rural com seu marido e seus filhos eram pequenos, tudo era muito difícil, “tínhamos que nos prevenir com ervas de chá e as benzeduras, que havia aprendido com minha mãe, não havia médicos”, dizia ela.

E foi assim, ela me contando como eram as coisas antigas que, entre indagações e curiosidades me relatou um pouco sobre sua vida. Perguntei-lhe se alguma vez havia recebido alguma crítica ou até mesmo sido perseguida por parte de pessoas que não acreditavam nestas práticas, foi quando me disse:

“Não sofro críticas porque minhas benzeduras falam de Jesus e Maria”

_ A senhora ainda benze quando necessitam de sua ajuda?

Sim ainda benzo, assim com benzia meus filhos, benzo netos e quem me procura aqui em casa, os vizinhos...

_ A senhora conheceu ou conhece casos de pessoas que cobram por suas benzeções?

_ O que acha disso?

Sim, conheço e muitos! Mas se Deus nos deu esse “dom” devemos usá-los para o bem das crianças e dos adultos. Nossos encontros sempre foram de conversas amenas, buscando na memória uma outra lembrança fragmentada de pessoas que benziavam, dos quitutes da tia Chininha (já falecida), que também benzia e foi merendeira na escola, mulher *guapa*, que não se negava no trabalho, ajudava D. Ruth

na casa, cuidava do jardim carregado de roseiras e deixou muita saudade. Sempre ao me despedir ela me perguntava quando voltaria. Qualquer dia destes eu volto para conversarmos mais um pouco, lhe dizia.

Através dos relatos destas mulheres, desde já podemos observar a importância dada às benzedeadas, principalmente na zona rural, que se dá, a partir do momento que a presença de um médico ou um profissional da saúde nestes lugares não existe. O fato de precisar ir até a cidade ou procurar ajuda no vizinho mais próximo pode ser inviável, dependendo do lugar, das condições climáticas e até mesmo do estado de saúde em que se encontra esta pessoa.

Portanto, a benzedura, a simpatia, as orações e as ervas medicinais fazem parte do cotidiano das residências do interior. As palavras pronunciadas pelas benzedeadas em nome de Deus, da Virgem Maria, do Divino Espírito Santo, Santíssima Trindade, confortam pois buscam na fé o caminho da cura. Caminho este que perpassam os anos, mas ainda é trilhado nos dias atuais ao lado da medicina, e se torna imensurável o alcance que comporta.

A forte influência da religião católica é mesclada com a africana, quando a benzedeadas católica benze de quebranto, mau olhado, inveja com galhos de arruda, guiné, dentre outras é prática comumente utilizada pelas umbandistas, assim como eles falarão de São Jorge, de Deus, de Maria e que apesar de haver variações percebemos os encontros que o sincretismo proporciona. O que Elda Rizzo de Oliveira relaciona como sendo uma ciência

Por ser uma ciência aprendida no convívio do cotidiano e praticada por pessoas que não passaram por universidades, a medicina popular carrega consigo uma definição muito singular. E que encerra uma verdade: a de que não existe um modo único, original e ideal, válido para todas as pessoas e classes sociais, de criar as suas estratégias de vida, dentre estas as de cura. (OLIVEIRA, 1985, p.10).

E o que a historiadora Eliane Aparecida Bughay define tão bem no seu artigo intitulado **“EU TE BENZO, EU TE CURO”**: benzedeadas da comunidade do Distrito de São Cristóvão. Vozes de uma tradição.

[...] Nas comunidades interioranas – e vale ressaltar, principalmente na zona rural – as benzedeadas têm ainda uma importância, uma utilidade singular para as pessoas que ali vivem. Para sanar a falta de

médicos, são as benzedeiras que acabam desenvolvendo habilidades para indicarem remédios de plantas, simpatias, orações para os mais variados males, tanto do corpo como da alma (BUGHAY 2009,p.7).

1 - TABELA COM DADOS DEMOSTRATIVOS SOBRE AS SENHORAS PESQUISADAS

MULHERES	ALCINDA	MARIA	NELI	RUTH
FAIXA ETÁRIA	MAIS DE 80 ANOS	MAIS DE 80 ANOS	MAIS DE 80 ANOS	MAIS DE 80 ANOS
RELIGIÃO	CATÓLICA	CATÓLICA	UMBANDISTA	CATÓLICA
PROFISSÃO	DONA DE CASA (APOSENTADA)	DONA DE CASA (PENSIONISTA)	DONA DE CASA (APOSENTADA)	DONA DE CASA PROFESSORA (APOSENTADA)
COMO APRENDERAM	COM A MÃE, TIA E OS SOGROS	MÃE DO PADRASTO	RECEBEU EM SONHOS	COM A MÃE
UTILIZAM ERVAS MEDICINAIS	SIM	SIM	SIM	SIM
PRATICAM SIMPATIAS	SIM	SIM	SIM	SIM
ONDE VIVEM	PERIFERIA DA CIDADE	ZONA RIBEIRINHA	BAIRRO VENCATO	ZONA RURAL

3.3 - Considerações

Elda Rizzo de Oliveira (1985) vai reafirmar o que as próprias senhoras entrevistadas já haviam relatado quanto ao modo que aprenderam, enquanto uma aprendeu para poder cuidar da filha e acudir os vizinhos em caso de necessidade, a outra aprendeu observando à mãe e depois com os sogros benzendo, estando presente nesses casos, a característica de bondade da pessoa mais velha da

comunidade onde vive, outra, que a partir da morte do marido e para aplacar a tristeza da ausência passa a dedicar-se às benzeduras.

Geralmente a descoberta do dom pela benzedeira ocorre paralelamente ao reconhecimento de algum acontecimento forte na sua vida. (*Isso pode ser*) Um pedido de auxílio para uma situação desesperadora, vindo de poderes sobrenaturais (*ou*) outras situações em que ocorre o reconhecimento da existência do seu dom: quando a benzedeira depara com alguma doença incurável; quando ocorre uma *revelação*, por exemplo, uma visão de que uma santa a protege numa estrada perigosa; ou quando ela ouve uma voz que a orienta no sentido de retribuir às pessoas, a *graça da benção* que recebe dos santos; ou ainda quando, na ausência de outras benzedeiros, ela precisa aprender o conhecimento do trabalho para poder benzer as crianças que ficavam doentes. Às vezes recebe o dom de pessoas de sua família, como de uma avó, de uma tia; outras vezes, quando possui uma característica de bondade ou de habilidade para ajudar as pessoas e isso é identificado por outra pessoa como sendo um dom, ou tem-se ainda todas essas situações combinadas de diversas maneiras entre si. (OLIVEIRA,1985, p. 34)

CAPÍTULO IV – A RELIGIÃO AFRO

4.1 A presença das religiões afro no cotidiano jaguarense

Buscando compreender as diversas orientações e seguimentos religiosos que orientam as práticas das benzedeiras, procurei um centro de Umbanda de Jaguarão para elucidar algumas dúvidas sobre a forma de benzeduras nos terreiros, especialmente o modo como se dá a benzeduras nas religiões de matriz africana. Muito se fala sobre a umbanda e na verdade pouco conhecemos sobre esta religião afro e sua relação com os procedimentos de benzedura. Com este propósito visitamos um Pai de Santo para que pudesse esclarecer como e o que é feito durante os rituais umbandista.

Conforme já havia registrado na introdução deste trabalho, busquei o pai de Santo “Babalorixá de Ogum Maria Léguas” e segundo ele, em cada região do Brasil, pratica-se um tipo de ritual nos cultos, no norte do país, por exemplo, referindo ao estado do Amapá, sua terra natal, as benzeduras são praticadas com “pena e maracá”, muito utilizadas pelos indígenas e adotado pela umbanda como modo de benzer.

Comecei perguntando a ele como é praticada a benzedura na *umbanda*?

— “A entidade dos benzedeiros são os caboclos, pretos velhos. As benzeduras são feitas com orações, sem trabalhos, não há cobranças, sendo que a benzedura é direcionada para a cura do corpo” (próprio de quem esta sendo benzido). E também com imagens de santos cultuados pela religião católica.

E quanto à *quimbanda*, o que poderias nos esclarecer?

“Existe por parte de alguns seguimentos da sociedade muito preconceito pelo desconhecido, fala-se em diabo, maldade, etc. Mas, observamos a crescente procura por diversas pessoas, de todas as camadas sociais por este tipo de prática, seja para benzer-se e/ou fazer trabalhos.”

Na quimbanda os exus são mais eficazes em relação as benzeduras com eles é mais rápida, pois eles estão no meio plano. Eles, pela interpretação católica seriam

o diabo (são representados pelas imagens pretas e com guampinhas) estes ficam expostos na aruanda (espécie de altar específico para suas imagens). Neste caso as pessoas que procuram para resolver problemas sexuais, traição (são necessidades diferentes) para esses fins são cobrados os trabalhos (feitiços), pois para cada trabalho é utilizado um material específico e existem despesas para fazer os banhos e as oferendas, para isso são feitas cobranças que chamamos de axé.

4.2- Considerações

O pai de Santo “Babalorixá de Ogum Maria Légua” vai novamente reafirmar que a benzedura é utilizada para a cura do próprio benzido. Quanto o trabalho (feitiço) este é feito para uma terceira pessoa, ou seja, alguém que procura seu centro (Nação). Pode-se contratá-lo com a finalidade de que faça algum tipo trabalho para uma outra pessoa, que poderá ser dentre outros um pedido de separação de um casal, o emprego que outra pessoa ocupa, ou o inverso, buscando através de um feitiço a união de um casal, etc. As finalidades são as mais diversas e suas escolhas dependerão da intenção de quem o procura se para o bem ou para o mal.

CAPÍTULO V – CONHECENDO SEUS RITUAIS E BENZEDURAS

Esta parte do capítulo é dedicado ao registro dos rituais de benzeções, e para tal escolheu-se quatro benzeduras, que as quatro senhoras costumam benzer e seu modo de fazê-lo, assim a repetição das benzeduras é proposital para que possamos acompanhar as palavras e os ritos de cada senhora. São elas: espinhela caída⁴, quebranto⁵, cobreiro⁶ e rendiduras (o mesmo que entorse, mal jeito).

5.1 – As práticas de benzeduras da senhora Alcinda Ieda Oliveira dos Santos

Os ritos, gestos, palavras, sussurros de cada benzedeira variam, porém alguns são muitos parecidos, assim como as benzeduras. Enquanto Dona Ieda utiliza as mãos e uma fita vermelha para benzer *da espinhela* a pessoa que está sendo benzida fica de pé próxima a porta dos fundos de sua casa, a partir daí ela faz um espécie de medição com o antebraço e a região central do tórax do benzido três vezes e percebe se está ou não caída, após benzer com a fita ela benzerá com as mãos ainda pela frente e no final da benzedura a pessoa vira-se de costas e é benzida novamente

⁴ A espinhela é o nome vulgar do apêndice xifóide, uma cartilagem localizada na porção terminal do osso esterno. Ocorrendo anormalidades na calcificação dessa cartilagem, estas estimulariam seu encurvamento sobre o epigástrico, e daí provocando as alterações relatadas pelos doentes. O mal é identificado vulgarmente como espinhela caída. (SOUZA, 2003, ANAIS ANPUH, 2003)

⁵ O quebranto e mau-olhado são males para os quais, segundo explicações produzidas pelas benzedadeiras, não existem remédios, apenas a reza pode curar. Os remédios que podem ser utilizados são apenas mecanismos (por assim dizer, acessórios) para eliminar os efeitos da força que vem dos olhos: mal estar, moleza no corpo, falta de apetite, vômito, diarreia e outros. SOUZA, 2003, ANAIS ANPUH, 2003)

⁶ O cobreiro (ou cobrêro) é uma dermatose, cientificamente identificada como herpes-zoster. Esta doença é uma infecção gerada pelo herpes vírus varicellae, caracterizada por erupções de vesículas na pele, com fortes sensações de queimaduras e em alguns casos dores muito constantes. A herpes-zoster é muito comum em pessoas que tiveram catapora e que não foram totalmente imunizados, ou seja, o vírus permaneceu em estado latente no organismo. É uma erupção cutânea. Doença é caracterizada por uma inflamação aguda da pele, atingindo na grande maioria das vezes os membros inferiores, tendo como sintomas: febre alta, calafrios e uma vermelhidão cutânea. (SOUZA, 2003, ANAIS ANPUH, 2003)

finalizando com o sinal da cruz. Ao *benzer de cobreiro* ela começa fazendo o sinal da cruz e com os dedos circula o local onde está a doença com saliva e cinzas depois ela vai dizer as palavras da benzedura, finalizando com o sinal da cruz. De *quebranto, mal olhado e inveja* após fazer o sinal da cruz junto as palavras de benzeção ela utiliza ramos verdes de arruda e/ou guiné. Para as benzeduras para *torções e rendiduras*, assim como, nos outros rituais de benzimento, ela começa fazendo o sinal da cruz, profere algumas palavras e costura com linha e agulha sem uso um pedaço de tecido novo repete por 3 vezes durante a benzedura e pede que a pessoa vá se benzer por três dias ou nove se for necessário, enquanto não voltarem ao lugar os nervos adoecidos, pois conforme a costura, se houver enredos de linha se prolonga à benzedura.

5.1.1 – Benzedura para espinhela caída

Faz o sinal da cruz

“Portas dos fundos, janelas pros mares. Espinhela caída torne ao teu lugar”. Em nome de Deus e da Virgem Maria e de São Afonso. Repetir 3 vezes. Utilizando a fita vermelha.

(coloca-se a ponta da fita no centro do peito e com a outra ponta medimos 3 vezes com o antebraço)

Depois benzo com o dedo, no centro do peito

“Abra-te porta indo para o lado do mar, espinhela caída torne ao teu lugar”. Em nome de Deus, da Virgem Maria e da Santíssima Trindade. Repetir 3 vezes.

Depois benzo as costas

“São Roberto de Ramos que está no altar, corte a cabeça e o rabo e leve todo este mal que não torne a voltar.” Em nome de deus e da Virgem Maria. Repetir 3 vezes.

5.1.2 – Benzedura para o cobreiro

Faz o sinal da cruz

“Cobreiro sai-te daqui que a cruz de Cristo vem sobre ti. Em nome de Deus e da Virgem Maria. Amém.” Repetir 3 vezes

5.1.3 – Benzedura de quebrante

Faz o sinal da cruz

“Que levem o que trouxeram, Deus que te benze com a Santíssima cruz, Deus que te defenda de maus olhos, mal olhado e todo mal que queiram te fazer. Eles são o ferro, tu és o aço, eles são o “d” (diabo) tu és o desembaraço, em nome do pai do filho e do Espírito Santo. Repetir 3 vezes. Dona Ieda não fala a palavra diabo, pois teme muito este ser e/ou força do mal.

5.1.4 – Benzeduras para rendiduras

Faz o sinal da cruz

Com uma linha nova, agulha e fazenda (tecido) novos costure falando:

“Eu que cozo? A pessoa benzida responde: Carne quebrada, osso rendido e nervo ofendido. Em nome de Deus e da Virgem Maria e Maria e Jesus.” Amém Repetir 3 vezes Todos bravos com leões humildes se entregarão ao teu coração. Amé

Tabela 2: Quadro demonstrativo com outras benzeduras e procedimentos praticados por dona Alcinda Ieda (D.Ieda).

BENZEDURAS	PRÁTICAS
<p><u>Benzedura para impinge ou cobreiro</u></p>	<p>Faz o sinal da cruz Esta benzedura é feita com saliva e cinzas — “Impinge e rabinhe o que fazeis aqui? Eu não comi nem bebi, pois então some-te daqui” Em nome de Deus e da Virgem Maria. Passe o dedo molhado na saliva em volta da Impinge ou cobreiro, depois siga</p>

	benzendo, no final coloque cinza sobre o cobreiro. Repetir 3 vezes.
<u>Benzedura para nevralgia</u>	Faz o sinal da cruz “Santa Elísia tinha 3 filhas, uma que tecia, uma que lia e outra que benzia, ares, pasmos e nevralgia. [...]Em nome de Deus e da Virgem Maria tire todas essas dores que não torne a voltar. Em nome de Deus e da Virgem Maria”. Repetir 3 vezes.
<u>Benzedura para Cabeça</u> (dores, tristezas, depressões) <u>Benzedura de ar</u>	Faz o sinal da cruz “ Três noites de São João, três noites de Natal, três estrelas no céu e ondas do mar, minha boa lua nova. Por favor por Deus te peço tire deste corpo este mal que não torne a voltar. Em nome de Deus e da Virgem Maria. Repetir 3 vezes. Faz o sinal da cruz “Ía por um caminho o pai e o filho, perguntou o filho ao pai aquilo que há? Responde o pai: é fogo. Com que se apaga? com águas da fonte e com folhas vindas do monte. Em nome de Deus e da Virgem Maria”. Repetir 3 vezes.
<u>Benzedura para sapinho</u>	Faz o sinal da cruz “Que de nove em nove fique oito Que de oito em oito fique sete que de sete em sete fique seis que de seis em seis fique cinco que de cinco em cinco fique quatro que de quatro em quatro fique em três que de três em três fique em dois que de dois em dois fique em um que de um em um fique em nenhum. Em nome de Deus e da Virgem Maria. Amém. Repetir 3 vezes
<u>Benzedura para o estômago e empache</u>	Faz o sinal da cruz “Te quebro o encalhe de leite, mal bebido, de bocado mal comido e trovadias de calor e toda enfermidade que neste corpo tiver, te quebre, te arrebente, te bota no fundo do Mar. Em nome de Deus e Virgem Maria e da Santíssima Trindade.Amém Repetir 3 vezes

<p><u>Benedura para Sol</u></p>	<p>Faz o sinal da cruz. No horário de sol forte, na rua se coloca uma toalha dobrada em quatro partes e um copo com água morna sobre a cabeça. Dizendo: “Deus fez o sol, Deus fez a luz, Deus fez a claridade pelo redentor. Pois Deus que tudo faz tire o sol do corpo desta criatura e que não volte nunca mais. Em nome de Deus e da Virgem Maria. Amém. Repetir 3 vezes.(Benzer ligeiro para que a água não derrame. Jogue a água em uma parede em sinal da cruz.)</p>
<p><u>Benedura para quebrante com brasa</u></p>	<p>Faz o sinal da cruz Em um copo com água pego uma brasa de fogão e joga dentro dizendo: ”Se tens quebrantes, maus olhos, olhos grossos, inveja, ciúme, outro que botou eu que te tirarei. Em nome de Deus e da Virgem Maria. Amém Repetir 3 vezes com 3 brasas fazendo sinal da cruz com uma colher dentro do copo</p>
<p><u>Benedura para garganta</u></p>	<p>Faz o sinal da cruz “São Brás São Brás se tu fores espinhoso que subas e desça deste pescoço. Em nome de Deus, da Virgem Maria e da Santíssima Trindade. Amém. Repetir 3 vezes</p>
<p><u>Benedura para Tersol</u></p> <p><u>Benedura para os olhos-</u></p> <p><u>*Benedura para boca</u></p>	<p>Faz o sinal da cruz Tersol vai-te com o sol Tersol vai-te com o sol Tersol vai-te com o sol Em nome de Deus e da Virgem Maria e da Santíssima Trindade. Amém. Repetir 3 vezes</p> <p>Faz o sinal da cruz “Santa Luzia passou por aqui com seu cavaleiro comendo capim, tire este argueiro, esta doença daqui. Em nome de Deus e da Virgem Maria.Amém.” Repetir 3 vezes.</p> <p>Faz o sinal da cruz “Homem bom, mulher má, casa caída, estrela rota. São Brás tire este mal da boca. Em nome de Deus, da Virgem Maria e da Santíssima Trindade. Amém. Repetir 3 vezes.</p> <p>-----</p>

	Para afirmação de cada benzedura no final diz-se:
--	---

	“ Em nome de Deus e da Virgem Maria, e Maria e Jesus. Todos bravos como leões unidos se entregarão ao teu coração em nome de Deus e da Virgem Maria. Amém.
--	--

5.2 – As práticas de benzeduras de Dona Maria

Dona Maria ao começar suas benzeduras primeiramente faz o sinal da cruz. Para benzer de *quebranto* ela utiliza três galhinhos de arruda e vai benzendo em silêncio, gesticulando os lábios e jogando para trás de si os ramos. Ao final faz o sinal da cruz e olha pra trás para ver se os ramos caíram virados (se todos caíram virados para baixo o quebrante é forte, se somente dois caíram tem quebrante, se caiu uma folha pouco quebrante e se nenhuma caiu virada para baixo é porque não há quebrante na pessoa que foi benzida). Na benzedura de *rendiduras* ela começa fazendo o sinal da cruz e, assim como Dona Almerinda lida, ela utiliza um pedaço de tecido, agulha e linha novos e enquanto vai costurando fala a benzedura e pergunta ao benzido - O que cozo? O benzido responde: carne quebrada, nervo rendido e osso ofendido, ao final se benze com o sinal da cruz e verifica se enredou o tecido que estava sendo costurado durante a benzedura e dizendo para a pessoa que deveria benzer por três vezes seguidas ou mais conforme aparecesse na costura os enredos de linha, pois é sinal de que ainda não “ficou boa.”.

Ao benzer de *cobreiro* ela vai começar a benzer como sempre faz se benzendo com o sinal da cruz, depois vai circular o local com cinzas e vai dizendo a benzedura em sussurros, finaliza colocando cinzas sobre o cobreiro (nota-se que abaixo vimos escrito *impinge*, *rabinge*, *rabijar*, mas ela troca e é feito uma substituição pelas palavras cobreiro, cobreiro, cobreirar). De *espinhela caída* ela, após se benzer com o sinal da cruz faz a oração, repetindo toda vez que com a mão direita faz o sinal da

cruz na região do peito da pessoa, benzendo por três vezes e depois nas costas por mais três vezes durante três dias.⁷

Quanto às benzeduras, podemos relatar que se efetivam deste modo:

5.2.1 – Benzedura para espinhela caída

Em nome do Pai, do filho e do espírito santo

“ Portas para o céu, janelas para o mar

espinhela caída torne ao seu lugar”.

Em nome do pai do filho e do espírito santo. Amém. Benze três vezes durante três dias.

5.2.2 – Benzedura de Impinge (cobreiro)

Pegue um pouco de cinzas e circule a impinge (esta benzedura também é utilizada para benzer de cobreiro) e depois no final da benzedura cubra com as cinzas.

Em nome do pai, do filho e do Espírito Santo

“Impinge e rabige que quer rabijar com as cinzas do lar eu ti ei de curar. Em nome do pai do filho e do Espírito Santo. Amém

5.2.3 – Benzedura para quebrante

Em nome do pai, do filho e do Espírito Santo .

⁷Durante o processo de transcrição dos relatos procurei descrever e manter as terminologias ortográficas conforme é falada e está escrita (no caso do caderninho que D. Maria, que possui algumas palavras em portunhol) e das demais senhoras, respeitando os vícios de linguagem presente no decorrer do trabalho de pesquisa.

Eu te pari, eu te criarei, se tiveres quebrante eu te tirarei em nome de Deus e da Virgem Maria. (repetir 3 vezes por 3 dias seguidos) Em nome do pai , do filho e do Espírito Santo. Amém.

5.2.4 – Benzedura de rendiduras

Primeiramente fazemos o sinal da cruz – Em nome do pai, do filho e do Espírito Santo e com uma agulha nova, tecido novo e linha nova vá-se alinhavando e perguntando para o doente

“Eu que coso ? O doente responde: carne quebrada, nervo rendido, osso ofendido.

Eu reafirmo: Isto mesmo eu coso em nome de Deus e de São Virtuoso se for carne quebrada torne-se a soldar, se for nervo rendido torne-se a endireitar, se for osso ofendido que vá ao seu lugar em nome de Deus e a Virgem Maria. Repetir 3 vezes por 3 dias e no final enterrar em lugar aonde o doente não passe. – Em nome do pai, do filho e do Espírito Santo. Amém

Tabela 3: Quadro demonstrativo com outras benzeduras e procedimentos de Dona Maria.⁸

Benzeduras	Práticas
<u>Benzedura pra tersol:</u>	<p>Primeiramente fazemos o sinal da cruz – Em nome do pai, do filho e do Espírito Santo e com o dedo fazemos o sinal da cruz enquanto benzemos. (com o sol bem baixo)</p> <p>“Tersol, entre sol, sai da minha vista e vai com o sol” (repetir 3 vezes por 3 dias). Ao final de cada benzedura dizemos: fazendo o sinal da cruz: Em nome do Pai do Filho e Do Espírito Santo. Amém</p>
<u>-Benzedura para o ar:</u>	<p>Primeiramente fazemos o sinal da cruz – Em nome do pai, do filho e do Espírito Santo.</p> <p>Com uma tesoura fazendo o sinal cruz cortando o ar</p>

⁸ No anexo nº1 poderá ser verificado a digitalização dos originais disponibilizados pela Dona Maria.

5.3 – As práticas de benzeduras da senhora Neli

A seguir buscarei descrever as práticas de benzeções feitas por dona Neli:

Enquanto busco ser benzida pela Dona Neli, observo que ela utiliza um raminho verde para me benzer faz o sinal da cruz e em silêncio começa o ritual de benzimento para *Olho gordo, inveja e quebranto* fazendo o sinal da cruz com o ramo verde na minha frente e jogando para trás de suas costas e conforme as folhas caem viradas estou ou não com esta moléstia do espírito, se caírem três folhas viradas para baixo estou muito carregada, se caírem duas, mais ou menos e se cair somente uma estou carregada mas não muito.

Nas *rendiduras* observei ela benzendo uma senhora (com pouco mais de trinta anos) que começara a se benzer um dia antes dessa observação, e segundo ela (a benzida) mal conseguindo mexer as pernas, já havia buscado tratamento com especialistas em Pelotas e não melhorava, também lhe indicaram um curandeiro (que cobrava) ela, o procurou bastante desesperada, pois as dificuldades de caminhar e as dores eram muitas, não adiantou. Quando chegou na D. Neli se sentindo muito mal, desanimada, sem forças nas pernas, foi benzida nas pernas e, segundo relata D. Neli: “de tudo um pouco”, pois o problema dela não era só as pernas “fia, tava muito carregada”.

Pude observar ainda o tecido novo, a agulha e a linha novas que foram utilizados para benzê-la. Logo a seguir, a mulher benzida disse-me que estava muito aliviada das dores e que havia conseguido dormir na noite passada. Observei o seu benzimento e depois, foi quando disse que sentia um pouco melhor do que quando havia chegado ali, alguns poucos minutos atrás.

O ritual da benzedura de *rendidura* foi um dos que pude ouvir D. Neli falando em voz alta, devido a pergunta que é feita nesse tom: “O que cozo?” “Carne quebrada, osso ofendido e nervo rendido” responde o benzido (a). A seguir ela vai costurando o pedaço de tecido até o final das três repetições, por três dias ou mais de acordo com a costura, se continuar enredando a benzedura precisa continuar, após finalizar a benzedura o tecido costurado juntamente com a agulha e a linha é enterrado em lugar por onde o benzido não passe.

Quanto à benzedura de *espinhela caída*, D. Neli fica atrás das costas eleva os braços do benzido e em silêncio benze. Pude perceber que repete o procedimento. Com *cobreiro* ela utiliza uma faca e vai cortando o chão e perguntando ao benzido(a) o que corto? O benzido responde cobreiro brabo. Repetindo o procedimento por três dias ou enquanto não secar a moléstia, pois se a pessoa colocou algum remédio no local demora mais a ficar bom ou se interrompeu a benzedura, também, nesse sentido precisa retomar a benzedura.

Possivelmente estranharão a ausência das benzeduras de Dona Neli. Ela, pessoa muito querida e na mesma intensidade comedida ao falar suas benzeduras. Todo ritual de orações é feito em silêncio a não ser as benzeduras onde é necessário perguntar a pessoa que esta sendo benzida algo referente a moléstia que a acomete. Assim sendo não poderei registrar neste trabalho as palavras utilizadas durante seus procedimentos de benzeções.

5.4 – As práticas de benzeduras da senhora Ruth Peil de Almeida

Dona Ruth possui um jeito muito particular de benzer as crianças, especialmente os bebês de *quebranto*. Para tal, ela primeiramente benze a si própria fazendo o sinal da cruz, logo, pega a criança em seu colo e com a ponta da língua toca a testa (sente se está salgada, e percebe o quebranto do bebê) e faz o sinal da cruz com a língua benzendo em silêncio a criança. Fazendo o sinal da cruz com a língua e cuspindo por trás de seus ombros por três vezes, que irá repetir por três dias. Nas benzeduras para *torções e rendiduras* ela também utiliza tecido, linha e agulha nova durante a benzeduras, primeiramente se benze fazendo o sinal da cruz e pergunta ao benzido- o que cozo? O benzido responde carne quebrada, osso ofendido e nervo rendido e segue costurando e reafirmando a benzedura por mais três vezes (se houver muito enredo de linha durante a costura ela vai dizer para a pessoa que está sendo benzida que ela deve voltar a ser benzido até que pare de enredar a linha durante o procedimento.

No caso de benzer *de espinhela caída*, observa-se que D. Ruth utiliza a fita vermelha que pede ao benzido para que segure a ponta da linha junto ao centro do seu peito, e assim ela mede do seu braço até o centro do peito enquanto benze a

partir de uma distância de um metro do benzido (esta fita vermelha tem aproximadamente um metro). Segundo dona Ruth alguns dos sintomas de que a pessoa possa estar com a espinhela caída seriam ter tonturas, falta de apetite, dores de cabeça e nas costas. Para o *cobreiro e sapinho* o ritual é feito com uma faca. Após se benzer com o sinal da cruz ela passa uma faca em cruz durante a benzedura sem tocar na doença, fala algumas palavras e como se estivesse cortando o cobreiro com a faca voltada para o chão, torna a repetir até terminar as três vezes e que deverá seguir até que tenha secado definitivamente o cobreiro ou sapinho, terminando sempre se benzendo com o sinal da cruz.

5.4.1 – Benzedura para Espinhela caída

Em nome do pai, do filho e do Espírito Santo

“ Portas para frente, janelas para o mar

espinhela caída torne ao seu lugar”.(Repete 3 vezes)

Em nome do pai, do filho e do Espírito Santo. Amém

5.4.2 – Benzedura para cobreiro

Em nome do pai, do filho e do Espírito Santo

“O que cortas? Cobreiro brabo (cortando com uma faca no chão próximo a porta da casa pra rua).Assim mesmo eu corto . Em nome de Deus e da Virgem Maria.(fazer três vezes, por três dias)

Em nome do pai, do filho e do Espírito Santo. Amém

5.4.3 – Benzedura para quebranto

Fazer o sinal da cruz: Em nome do pai , do filho e do Espírito Santo. Pegue o bebê no colo e toque com a língua na testa dela, se tiver salgada ela está com quebrante faça o sinal da cruz com a língua. Vá dizendo as seguintes palavras:

“(Nome da criança) Eu te pari, eu te criarei, se tiveres quebrante, olho gordo, mal olhado ou inveja em nome de Deus e da Virgem Maria, eu te tirarei.” E cuspiendo por trás do seu ombro para tirar o quebrante.(Repetir por 3 vezes e 3 dias) Fazer o sinal da cruz Em nome do pai , do filho e do Espírito Santo. Amém.

5.4.4 – Benzedura de rendidura

Em nome do pai, do filho e do Espírito Santo

Com um tecido novo, agulha e linha também .

Ela pergunta? O que cozo? Carne quebrada, osso ofendido nervo rendido. Ela afirma dizendo: Isso mesmo eu cozo carne quebrada, osso ofendido e nervo rendido. Repete três vezes por três ou mais dias.

Em nome do pai, do filho e do Espírito Santo. Amém

5.5 – Considerações

Nesse sentido, percebe-se que entre os textos das benzeduras são poucas as variantes, mas quanto ao ritual de benzeções, eles possuem algumas diferenças consideráveis. A utilização da faca para cortar o cobreiro é unânime, a saliva para benzer de quebranto é utilizada somente por uma, para benzer da espinhela três utilizam a fita e uma não. E para o benzimento de rendiduras todas fazem uso do tecido, agulha e linha novos, estas práticas em algum momento se cruzam no decorrer deste processo.

CAPÍTULO VI – OS DEPOIMENTOS DOS BENZIDOS

6.1 – Quem nunca se benzeu?

Segundo os rituais das benzedadeiras, no simples ato de elevar a mão direita e fazer o sinal da cruz já estamos nos benzendo. Neste subcapítulo transcreverei alguns momentos deste trabalho que consistiu em fazer breves entrevistas com pessoas de diferentes credos e sexos sobre o que elas pensam das benzeduras e, se acreditam, porque procuram por alguém para serem benzidos?. Procuro ainda analisar ainda se há alguma relação entre nível de escolaridade e crenças em benzeduras.

Durante minhas visitas às senhoras benzedadeiras tive a oportunidade de conversar com algumas pessoas que buscavam o socorro por alguma moléstia, seja do corpo para se benzer de cobreiro, *rendiduras*, espinhela caída ou da alma para benzer-se de quebranto, mal olhado.

Enquanto estava sentada no sofá da sala de D. Ieda conversando e fazendo um carinho no seu gato “belo”, chega um senhor (que chamarei aqui por A.), sua esposa e filha buscavam benzer-se, ele havia tirado o ombro do lugar e queria ser benzido por D. Ieda, que logo começou a benzê-lo, sua esposa com dores de cabeça também foi benzida. Perguntei a eles como tinham conhecido D. Ieda e me disseram que haviam indicado ela pra tratar o bronquite de sua filha menor; “Todos nós nos benzemos e acreditamos na força da benzedura de D. Ieda”. Nossa filha passava muito mal com crises de falta de ar, por causa do bronquite, trouxemos ela aqui e fizemos a simpatia que D. Ieda nos ensinou e hoje ela está curada. Sofremos muito com as crises que ela tinha. Os médicos só receitavam remédios e mais remédios e não resolvia, cada vez ela piorava mais até que nos indicaram D. Ieda.

Em outra visita para o trabalho de pesquisa, observo a chegada em sua casa de um senhor, juntamente com sua esposa perguntando se era ela a senhora que benzia. D. Ieda confirmou e ele se apresenta dizendo que haviam indicado ela para se benzer. Enquanto se apresenta à D. Ieda comenta que estava se tratando para uma herpes, que estaria colocando a pomada tal e tomando o remédio tal, mas que sentia muitas dores e que não conseguia dormir à noite. Ele abriu a camisa e mostrou o

local da moléstia, D. Ieda logo diz: “isso está parecendo cobreiro, e se for, ele fica mais brabo se colocar algum remédio nele”. Ela começa a benzê-lo com o ritual já descrito neste trabalho, durante três dias ele foi até D. Ieda para ser benzido até secar o cobreiro. Ainda foi benzido de espinhela caída, me disse dona Ieda, em outra visita realizada por mim.

Reafirmando o pensamento Angela Beatriz Pomatti *em Italianos na cidade de Pelotas: doenças e práticas de cura – 1890 a 1910* refere -se que

Estudos atuais, principalmente relacionados à Antropologia, demonstram que as práticas de cura popular não podem ser consideradas apenas como resquícios de um passado datado, antes mesmo de período republicano no Brasil. Até hoje, como foi colocado anteriormente, essas práticas relacionadas à cura sobrevivem, embora a nossa sociedade atual seja medicalizada. Essas manifestações são demonstradas pela disseminação de terreiros de umbanda, pela continuidade dos saberes dos raizeiros e das benzedeadas, que são apresentados como possibilidades de cura das doenças (POMATTI, 2011, p. 80).

6.2 – Registro dos depoimentos

Durante as saídas a campo busquei algumas pessoas frequentadoras das casas das benzedeadas para que me respondessem algumas perguntas sobre benzeduras e crenças de cura. São elas: Você acredita em benzeduras? Porque te benzes? Como explicarias o sucesso ou não alcançado? Qual sua escolaridade e religião?

Tabela 4: Quadro demonstrativo com os depoimentos dos benzidos:

Depoimentos	Sexo	Cidade de origem	Religião	Escolaridade
1-“Costume muito antigo. Sim, eu acredito, busco me benzer pela fé e seriedade da pessoa que está me benzendo, por não gostar de remédios, porque faço				

de tudo para não recorrer a medicina tradicional, apesar de procurá-la quando desconheço alguém que possa benzer sobre o que estou sentindo e para situações que devo, e tenho consciência disso, procurar a assistência de um médico. Percebo que a fé justifica o êxito da cura quando buscamos crenças tão antigas. “(P.I.M.)	Femini- no	Jaguarão	Católica	Ensino Superior
2 -“Sempre procuro por benzedeadas, quando me sinto carregado, vou numa senhora que frequentava a terreira perto da minha casa. Já fui benzer-me da tal espinhela caída, foi uma sensação muito diferente, quando a senhora começou a benzer fiquei tonto, como se fosse desmaiar, ela disse que minha espinhela estava quase dobrando, eu falei que tinha muitas dores no peito, ânsia de vômito, falta de apetite, tudo isso por causa da tua espinhela que estava te prejudicando disse ela, mandou eu tomar uns chás, que não lembro o nome, voltei mais duas vezes para ela me benzer. Melhorei, fui batizado na religião católica, meus pais sempre acreditaram em benzeduras, e acho que minha fé também é parte da benzedura, eu tenho que querer e acreditar que	Masculi- no	Jaguarão	Católica	Ensino fundamental incompleto

vou me curar com a ajuda dessas pessoas que benzem.				
<p>3- “Eu acredito, sempre levo meus filhos para benzer de dor de barriga, quando acho que comeram algo que fez mal. Ah e quando eles estão dormindo com os olhos quase abertos? É quebranto na certa, ficam enjoados, chorões. Levo pra benzer, banho com chá de folha de laranjeira que ela me indica e eles dormem bem a noite toda, até se alimentam melhor. Acho que só a fé que temos dentro de nós e na pessoa que benze que faz as coisas darem certo. Tu me entendes, né? Temos que acreditar. Minha religião é católica, mas não vivo nas igrejas e se tiver que ir em centro de umbanda, vou. (I.C.M)”</p>	Masculino	Jaguarão	Católica	Ensino Fundamental completo
<p>4- “Eu me benzo porque me sinto melhor, porque tenho fé que algo de melhor vai acontecer depois que eu me benzer, ou se tô me benzendo pra saúde é porque tenho fé que vou melhorar. Não sei explicar bem, mas acho que gira em torno da fé mesmo.(L.M)”</p>	Feminino	Jaguarão	Religião Espírita	Ensino Superior Incompleto
<p>5 -“Porque tira dores, mau olhado, coisas ruins. Me sinto bem, acredito nas rezas.(J)”</p>	Feminino	Jaguarão	Espírita	Ensino Fundamental Incompleto

6 - “Eu me benzo porque desde criança fui acostumada a me benzer e fazer simpatia para saúde, como a mãe tem fé, a mesma foi passada para mim e para meu irmão. Acredito que tendo fé, tudo flui, melhora a saúde e as coisas ruins vão embora.(J)”	Femini- no	Jaguarão	Espirita Umbandi sta	Ensino Superior Completo
7 - “Porque me sinto bem. Me dá mais energia. Sexo feminino, técnica em secretariado, não tenho religião, vou na que me sinto bem”.(K)	Femini- no	Jaguarão	Se define como sem religião, mas que frequen- ta a que se sente bem	Ensino técnico completo
8 – “Porque é cultural. E me criei sendo benzida pela minha avó. E tenho crença na reza.” (L)	Femini- no	Jaguarão	Umban- dista	Graduada
9 – “ Eu tenho crença na reza por ver os mais antigos benzendo, existem pessoas fortes de espírito que faz a benzedura ter resultado.K”	Masculi- no	Jaguarão	Espírita	Ensino Médio

*Estas entrevistas foram realizadas durante o mês de dezembro/2014, buscando ouvir de pessoas de diversas religiões com idade entre 20 e 86 anos sobre e porque se benziam.

6.3 – Algumas considerações sobre as entrevistas

Percebo que para além do grau de instrução, condição social, credo e sexo o que as pessoas buscam é um meio popular de cura, seja do corpo ou do espírito. Estas entrevistas/conversas informais tinham este propósito, de saber a opinião de pessoas que frequentam a casa ou a terreira de uma benzedeira com a intenção de ficarem curadas de algo, que não necessite ir num posto de saúde e depois em uma farmácia, buscam na união de forças, de sua fé de benzido com a fé da benzedeira o resultado satisfatório e o êxito da benzedura, claro que estes também admitem recorrerem ao médico, caso a benzedura feita para moléstia que o acomete não tenha o resultado esperado, afinal nada impede a conciliação de métodos de cura, observamos que se confia em uma benzedeira e também no médico, simultaneamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização deste trabalho pudemos verificar a sobrevivência das práticas de curas das senhoras benzedadeiras, práticas estas que pudemos confirmar no decorrer da pesquisa que são muito comuns no meio rural e urbano, interagindo com as diferentes religiões e fortalecendo o latente sincretismo religioso existente na pequena cidade de Jaguarão. Ainda que a medicina tradicional seja procurada, uma ciência em processo contínuo de avanços percebe-se a partir dos registros efetivados junto às benzedadeiras que a medicina popular do benzimentos se mantém viva com suas rezas, ervas medicinais e simpatias no culto a saúde do corpo e da alma. Em se tratando de uma pequena cidade de fronteira, com uma realidade social diversa, pude acompanhar situações de pessoas que mesmo procurando os grandes centros urbanos com tecnologias voltadas para o estudo e evolução da medicina em busca de tratamento, faziam questão de recorrerem as práticas populares e seculares das benzeções.

Nesse sentido busquei neste trabalho registrar o cotidiano das mulheres benzedadeiras da cidade de Jaguarão, o seu dia a dia, as relações em suas famílias, um pequeno relato de sua história de vida, como passaram a desenvolver e praticar suas benzeduras, e os rituais seguidos. Utilizando-me da História e Antropologia, através de meios etnográficos também busquei inserir estas mulheres que sobrevivem ao capitalismo avassalador da contemporaneidade na historiografia de Jaguarão, registrando cientificamente suas dicas, indicações de ervas medicinais e depoimentos de pessoas que procuram nas benzeduras as curas para seus males.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Susana de Azevedo – **Paradoxos da modernidade: a crença em bruxas e bruxarias Porto Alegre**– Porto Alegre, 2007. 246f. em pdf.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**/Ecléa Bosí . _ 3 ed. _ São Paulo: Companhia das Letras, 1994. Campinas. – Dissertação de mestrado em Antropologia Social. São Paulo Unicamp, 1983.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**/ São Paulo :Ateliê Editorial, 2003.

BUGHAY, Eliane Aparecida. **"EU TE BENZO, EU TE CURO": PRÁTICAS COTIDIANAS DE. BENZEDEIRAS DA COMUNIDADE DO DISTRITO DE SÃO CRISTÓVÃO.** Vozes de uma Tradição - Disponível em :www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/.../2009_fafiuv_historia_md_eliane_aparecida_bughay.pdf. Acesso em: 27/12/2014.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro (A-I)**. 2º edição. Instituto Nacional do Livro. Ministério da Educação e Cultura: Rio de Janeiro, 1962.

DOSSIÊ DO TOMBAMENTO DO CONJUNTO HISTÓRICO. Disponível em <www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2014/artigos/pdf/390.pdf> Acesso dia 30 de outubro, às 22:22min.

EVANS-PRITCHARD, Edward E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. (Versão condensada por Eva Gillies, traduzida por Eduardo Viveiros de Castro).

FARINHA, Allyne Chaveiro – **As transformações da prática de benzimento em Anápolis** – 1979-2004. Goiânia- GO. 2012 – Dissertação de Mestrado, em pdf.

FAVRET-SAADA – Jeanne, **“ser afetado”** –Cadernos de campo. n.13:155-161,2005

HERMANN, Jacqueline “**História das Religiões e Religiosidades**. (1997.p.329-354)/In: CARDOSO,Ciro Flamarion; VAINFAS,Ronaldo.Domínios da História : Ensaio de Teoria e Metodologia– Rio de Janeiro :Elsevier, 1997.

JESUS, Washington Santana de **Rezadeiras/Rezadores de Preceito de São Francisco do Conde: Itinerário de Fé e cura nas práticas etnomédicas**. Dissertação de mestrado – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. 2012 pdf.

KULLICK, Don – **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. /Don Kullick; (tradução César Gordon) .__Rio de Janeiro: Editora:Fiocruz, 2008.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é benzeção**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

_____**Doença, cura e benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedeira em Campinas**. UFCH, UNICAMP Campinas, São Paulo.1983.

_____**O que é medicina popular**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método** – Revista Horizontes Antropológicos n.42 2014.

PIMENTA, Tânia Salgado – **Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social**/Sidney Chaloub et al (org.) Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2003. Cap.9.Terapeutas populares e Instituições Médicas na Primeira Metade do século XIX- p. 308.

POMATTI, Angela Beatriz – **Italianos na cidade de Pelotas: doenças e práticas de cura** – 1890 a 1930/Angela Beatriz Pomatti _ Porto Alegre, 2011. Dissertação de Mestrado em pdf.

QUINTANA, Alberto Manuel – **A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise**/Alberto Manuel Quintana. _ Bauru, SP:EDUSC, 1999.

LINS, Diavan Alberto Sabbi. **A benzeção em Santa Maria. A permanência de tradições de cura no contexto da contemporaneidade.** Revista latino –Americana de história – Vol.2 nº 6 – Agosto 2013 – Edição Especial by PPGH – UNISINOS. P.569-581.

SENDERKI , Henrique Alexandre; SACHODOLOK, Hélio. **(Os usos das plantas na promoção da saúde.** (p.7) Revista TEL. Revista Tempo, Espaço, Linguagem V.04 – N.03. Set.- Dez. -2013 –

SOUZA, Laura de Mello e, **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil.** __ São Paulo: Companhia das Letras, 2209.

SOUZA, Grayce Mayre Bonfim. **Benzedura e mentalidade – sobrevivência de uma prática historicamente acumulada.** In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa. João Pessoa: ANPUH, 2003. CD-ROM.

T., Ceolin , RM,. Heck , RL,Barbieri , E. Schwartz , RM, Muniz , CN,Pillon (2011) **Plantas medicinais: transmissão do conhecimento nas famílias de agricultores de base ecológica no Sul do RS** . Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342011000100007&script= Acesso em: 26/12/2014.

VAINFAS, Ronaldo.**História das Mentalidades e História Cultural** – (p.127-164) In: CARDOSO, Ciro Flamiron; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de Teoria e Metodologia.** Rio de Janeiro :Elsevier, 1997.

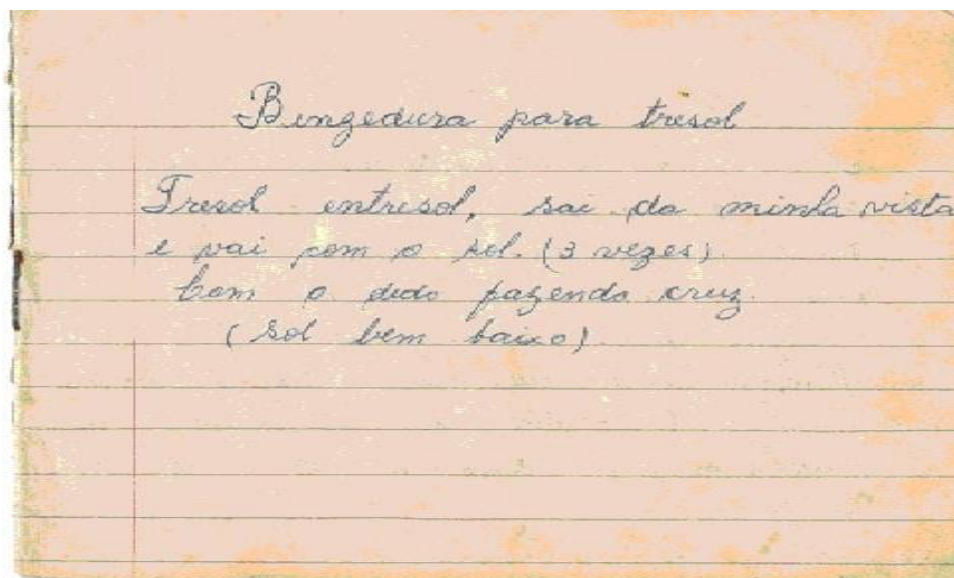
WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar:** Medicina, religião, Magia e positivismo na República Rio-grandense – 1889/1928 Santa Maria: Editora UFSM; Bauru: EDUSC,1999.

MACIELI, Márcia Regina Antunes and Guarim Neto, Germano **Um olhar sobre as benzedeadas de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer**

e curar. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum.*, Dez 2006, vol.1, no.3, p.61-77.
ISSN 1981-8122

ANEXOS

ANEXOS: 1- Digitalização dos registros originais de Maria Cassel



Benzadura para o ar
 br + visto ar + morto ar + estopar ar +
 pasmo ar + de paralização ar + trepuzia a +
 quante ar + fric ar + de sangue ar + arrepegar
 ar + parado ar + escumungado
 Qualquer que for da parte de Deus e da
 Virgem Maria de nosso senhor de São Lou
 e São Paulo que saia do corpo desta
 criatura que se para nas ondas do
 salgado +

Rendidura Rendiduras
 Eu que cesso:
 carne quebrada, nervo rendido, osso
 fendido.
 Isto mesmo eu cesso em nome de Deus e
 Virtuoso se for carne quebrada torne-se
 a soldar, se for nervo rendido torne-se
 a induritar se for osso fendido que vá o
 seu lugar em nome de Deus e a Virgem
 Maria

Da Lua
 Lua luar olha para este filho e
 me ajuda a criar em nome de
 Deus e da (V) Virgem Maria.

Quebrante
 Eu te pari e te criarei se
 tiveres quebrante eu te tirarei em
 nome de Deus e a Virgem Maria

Rebati

Colchon de albarda almocada de
paja. Est mal que porca) aca
saiga que por aca saiga em nobre
Lios e la Virgem Maria

Oração a Santa Catarina

Minda gloriosa Santa Catarina esposa de Jesus
Cristo nos fortis aquela senhora que estavas na
porta macasa de Bacia onde encontras
eminentes homis tão bravos como liões e a
êles amansartes com palavras da oração assim
pise que amansais e abrandais o coração
de meus inimigas para que êles fiquem para
mim tão humildes como a Terra que eu
pize para sempre por nosso Senhor Jesus
Cristo amém

Ingua

Estrela tinha uma ingua a ingua
diz que morra a estrela e eu digo
que morra a ingua e viva a estre-
la. (repetir 3 vezes)

Unhero

Bumca vi buraco velho com
unhero novo dentro

(3 vezes dentro
de um buraco)

Encaio

Águas paradas ventos encanados
en caio encantado que desencante
em nome de Deus e da Virgem Maria
Amem.

Empige

Empige e patige que quer patigar
com a cinsas do lar eu fi ei de
curar em nome de Deus e da Virgem
Maria Amem "

Azia

Santa Luzia teve 3 filhas,
uma que escrevia outra que lia
e a outra que benzia do mal de
azia em nome de Deus e da Virgem
Maria.

ANEXO 2 - Simpatias da Dona Almerinda Ieda

Simpatia	Procedimentos
Simpatia para bronquite e asma Na Semana Santa	No campo-mato- Rezo a oração para bronquite, tiro a medida do pezinho da criança ou pé do adulto (tiro o contorno do pé)em um papel. Abro o cupim com uma faca e quando os cupins aparecem faço uma cruz com pasto seco e enterro o papel com as medidas.
Simpatia da lua para caroços	Faça o sinal da cruz saia para rua e mostre o caroço para lua e diga: Lua nova, lua crescente quando fores embora ó lua leva contigo estas sementes. Em nome de Deus e da Virgem Maria. Amém
Simpatia para apresentar o bebê para lua	Com o bebê no colo diga: “Lua luar tome esta criança e me ajuda a criar. Repita 3 vezes por 3 dias. E no final diga: Em nome de Deus e da Virgem Maria
Simpatia para hérnia no umbigo	Pega-se uma moeda de metal coloque dentro de um saquinho de tecido molhe no óleo de camomila e erva doce coloque sobre o umbigo e enfaixe.
Simpatia para calo Simpatia para verrugas	Pega-se unto virgem (gordura de porco s/sal) coloca na água quente , retire, e passe nos calos. No campo acha uma canela de (bicho – carcaça de animal morto) pegue ela e passe em cruz sobre as verrugas e coloca de novo na terra) a parte que estava para baixo deixe para virada para cima.

ANEXO 3 – As simpatias praticadas pela Dona Maria

<p>Simpatia para unheiro:</p>	<p>Fazer o sinal da cruz: \Em nome de Deus e da Virgem Maria Com o dedo em um buraco dizer a seguinte frase “ Nunca vi buraco velho com unheiro novo dentro”. (repetir 3 vezes por 3 dias seguidos) Fazer o sinal da cruz dizendo em nome de Deus e da Virgem Maria. Amém</p>
<p>Simpatia para apresentar o recém-nascido para a Lua</p>	<p>“Para a criança não ser tomada pela lua” Leve o bebê até um lugar que possa mostra-lo para lua e diga “Lua luar olha para este filho e me ajude a criar em nome de Deus e da Virgem Maria. Amém (Repetir por 3 dias).Esta simpatia foi meu padraço que fazia quando nascia minhas crianças ele mesmo vinha em casa e fazia, um dia ele me disse que viu uma criança tomada pela lua e sempre que nascia uma criança na família ele apresentava para a lua.</p>
<p>Simpatia para acabar com o bronquite</p>	<p>Na sexta-feira santa se corta as unhas da criança em cruz, ou seja, mão direita com pé esquerdo e mão esquerda com pé direito. Por 3 sexta-feira santas e enterre no pé de uma figueira onde a criança na vá passar. “Curei minha filha, minha neta com ela e muitas crianças.”</p>

ANEXO 4 – Ervas medicinais utilizadas por D. Alcinda Ieda Oliveira dos Santos

Ervas medicinais	Indicada para:	Modo de usar:
Pronto alívio	Para dores e pontada pneumonia	chá
Folha de bergamoteira e aipo	Para febre e também para pasmo	chá
Poejo, malva cheirosa e cambará	Para tosse	Chá/com mel
Cidreira de palha, anis e funcho	Para gases	Chá
Couve	Para prisão de ventre	Chá
Alcachofra	Para dor de estômago	Chá fraquinho
Alcachofra	Para pressão alta	chá
Alecrim	Para ansiedade, nervos, coração	Chá de 3 folhinhas com uma colherinha de mel
Melissa	Dor de cabeça, nervosa	Chá
Funcho	Dor de barriga	Chá em jejum com uma colherinha de azeite
Gervãozinho do campo	Para espinhela caída	Chá
Catinga de mulata ou palminha, boldo	Para o fígado	Chá
Quebra pedra, cavalinha	Para pedras nos rins, e vesícula	Chá

ANEXO 5 - Outras dicas caseiras de Dona Ieda

*Para benzer de quebrante e olho grande – Usa-se arruda ou guiné;

*Para olhos inflamados e com argueiro – Pingar 3 gotinhas de Bálsamo nos olhos;

* Óleo poderoso de camomila e erva doce - Coloque um copo de óleo de cozinha, uma colher de sopa de camomila e uma colher de erva doce. Deixe na rua por nove dias e nove noites depois coa-se e guarda em garrafinha. Pode-se usar em machucados, para dores de cabeça, cobreiros (para passar na volta e depois no centro) dores de ouvido (duas gotinhas e tape com um algodão;